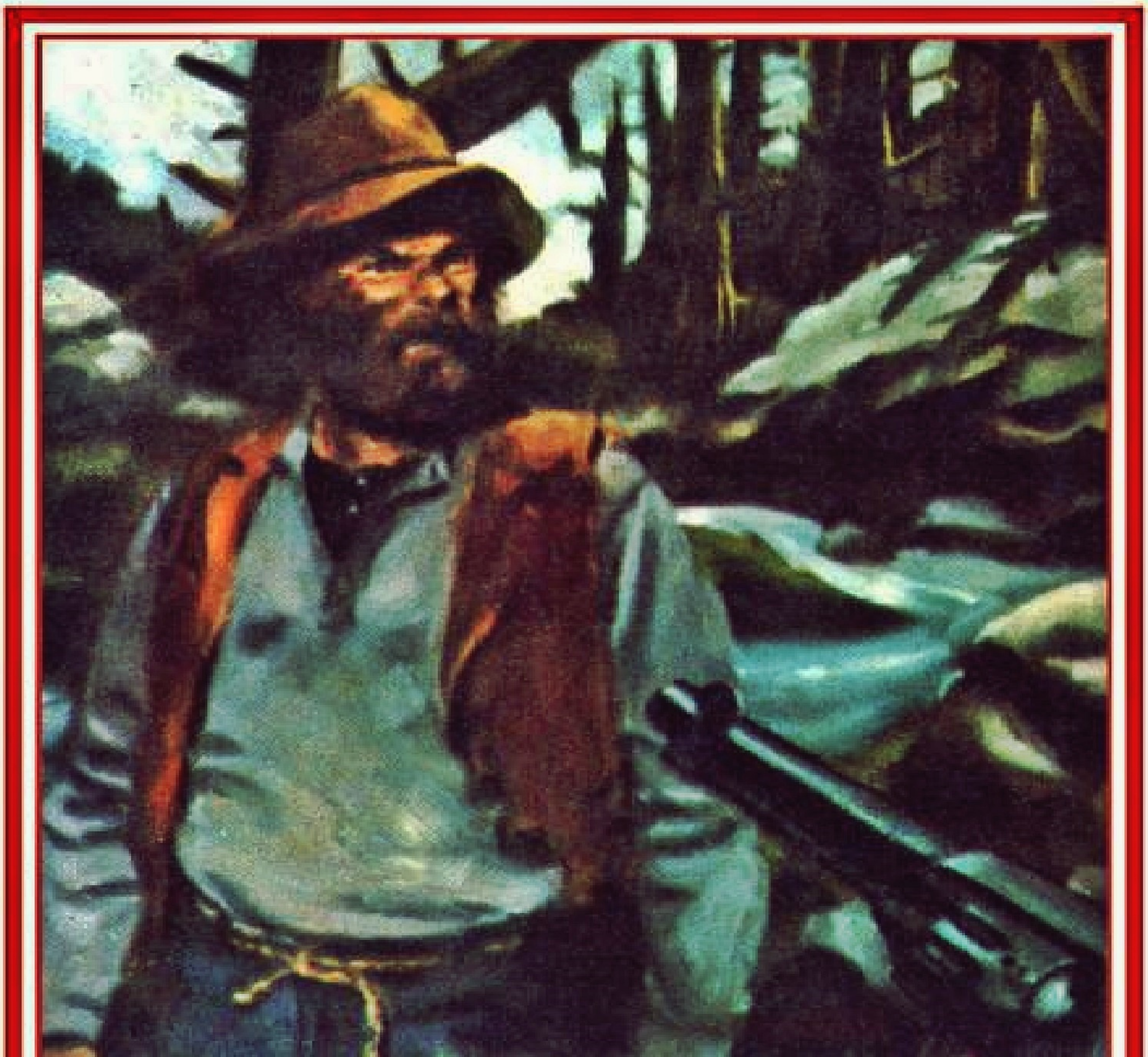
CHUMBO GROSSO

CAÇADOR DAS MONTANHAS

TONY CARSON



SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 22

TÍTULO: CAÇADOR DAS MONTANHAS

TÍTULO ORIGINAL:

TRADUTOR:

CAPA: JORDI

AUTOR: TONY CARSON

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1993

CHUMBO
GROSSO

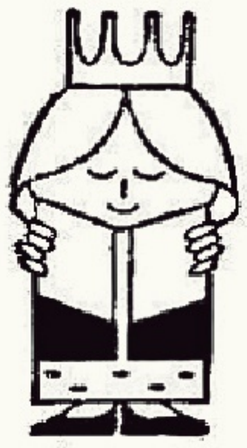
CAÇADOR DAS MONTANHAS

TONY CARSON

Capa de:

JORDI

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE



EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© **EDITORA MONTERREY LIMITADA**
MCMLXXXIII Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Armadilhas

O caçador Arthur Nills ficou muito irritado quando encontrou uma de suas armadilhas desativada. Alguém propositalmente a desarmara, utilizando um galho seco. A prova da sabotagem eram as pegadas nitidamente marcadas no solo.

Arthur Nills era um homem grande e gordo. Vivia solitário numa cabana nas Montanhas Rochosas, no território do Wyoming. A cada dois meses ia à cidade de Lander, vender as peles obtidas em várias semanas de caçada. Era um cidadão belicoso, irritadiço e não apreciava muito o convívio social. Nos últimos tempos adquirira o hábito de falar sozinho ou com seu animal de estimação, o cão Job, enorme pastor alemão.

— Vamos, Job! Examinemos as outras armadilhas. Espero que não tenham sido desarmadas também.

Nills tinha um suspeito: Pat Budrick. Era o caçador que também agia na mesma área e vivia numa cabana distante dez milhas do concorrente. Outros profissionais vendiam suas peles nos entrepostos de Lander, mas eram itinerantes, estavam sempre mudando de um lugar para outro, sem fixar-se em nenhum.

— Por que o canalha teve essa ousadia e esse trabalho, Job? — indagou Nills, ao cão que o seguia.

O caçador costumava colocar suas armadilhas numa senda da floresta, junto à encosta das Rochosas. Era por ali que circulavam os animais, quando iam ao riacho beber. De dois em dois dias ele voltava aos pontos onde colocara as armadilhas e encontrava ursos, raposas e pumas aprisionados. Então os abatia, extinguindo seu sofrimento. Depois retirava as peles curtindo-as ao sol, junto à cabana. Entre esses trabalhos, Nills cavalgava algumas horas até as verdejantes pradarias, onde derrubava, a tiros, antílopes e búfalos.

Quando o caçador chegou ao lugar em que deixara a armadilha seguinte, encontrou-a também desarmada. Aquilo levou sua irritação ao

auge, fazendo suas faces enrubescer.

— Se Pat Budrick estivesse agora aqui, na minha frente, Job, eu o mataria e deixaria o cadáver para os abutres comerem!

Nills rearmou seu instrumento de caça. Eram armadilhas dentadas, acionáveis ao contato da pata de qualquer animal pouco mais pesado que um coelho. O caçador sempre as mantinha cobertas e camufladas com galhos e folhas.

Ainda profundamente irritado, seguia adiante, procurando a armadilha seguinte. Ela fora posta numa clareira, bem camuflada com folhagem. Da senda por onde seguia não podia avistá-la, mas logo que saíram do arvoredo o caçador viu muitos abutres sobrevoando o trecho e outros pousando nas proximidades.

— Isso já é demais! — exclamou, percebendo imediatamente o que acontecera.

Sua longa experiência como caçador lhe ensinara que os abutres não costumam atacar animais ainda com vida e ele sabia que as armadilhas mutilavam a caça, mas raramente matavam em menos de três dias. Correu pela clareira em direção ao ponto em que se concentravam as aves de rapina. Elas devoravam a carcaça de um urso, cuja pele fora extraída. Nills deu dois tiros com a carabina, espantando os abutres, que revoaram, debandando.

— O urso foi esfolado profissionalmente! Isso prova que quem me prejudicou foi um caçador. Pat Budrick não perde por esperar!

As armadilhas jamais ficavam soltas no solo. Eram sempre amarradas fortemente a um tronco nas proximidades, para evitar que os animais maiores as arrastassem por longo trecho, aumentando o trabalho do caçador. Essa corda era a única parte visível das trampas que permitia a qualquer profissional as localizar com mais facilidade.

Arthur Nills possuía oito cepos espalhados num raio de uma milha em torno da cabana. Decidiu vistoriar todos eles. Aqueles que colocara junto à encosta não haviam sido sabotados. Havia até um puma preso por uma pata. Abateu-o com raiva, usando a pistola, como se estivesse disparando contra Pat Budrick.

Restavam ainda as armadilhas postas no lado sul da cabana. Nills foi até lá, com [ob. As duas primeiras estavam intactas, mas a última fora também desarmada. O caçador, irritado, retirou o chapéu, atirou-o no chão e

pisou em cima várias vezes, como se estivesse esmagando a cabeça de uma pequena cobra. Vociferou:

— Pat Budrick é um covarde que não merece viver! Mas não serei eu quem irá julgá-lo. Vou despachá-lo para o inferno e o diabo que sirva de juiz!

Nills começou a seguir as pegadas que partiam da armadilha. Mesmo para um hábil caçador como ele, acompanhar aquelas marcas de botas era tarefa difícil. O sabotador pisava sobre um verdadeiro lençol de folhas secas. Era preciso removê-las para ver as pegadas. Ele descobriu que seu antagonista saíra da floresta para a clareira e de lá seguira pela senda, desarmando o equipamento e esfolando a caça que encontrara capturada. Na clareira deixara três montarias e pelo formato da ferradura deduziu que se constituíam de um cavalo e duas mulas de carga.

— Não há mais dúvidas, Job! Agora tenho certeza. Pat Budrick esteve aqui com suas duas mulas velhas e teve a ousadia de desativar as armadilhas. Deve estar vangloriando-se de seu feito em Lander.

Nills continuou examinando os vestígios da passagem do sabotador. Queria reforçar mais suas convicções para não cometer injustiça. Descobriu um pedaço de pele de gamo entre a folhagem e verificou que fora recém-curtida. Não lhe restou mais nenhuma sombra de dúvida.

— Vou acertar as contas com o canalha, Job! As pegadas indicam que ele seguiu para Lander. Será lá que o matarei, desafiando-o para um duelo!

O caçador retornou à cabana com o cão. Decidira antecipar sua ida a Lander, especialmente para liquidar ou morrer, tentando o caçador com jamais se dera muito bem.

Nills e Pat Budrick não se falavam, mas por outro lado evitavam hostilizar-se. Defrontavam-se apenas duas ou três vezes por ano, quando coincidiam as épocas em que levavam as peles para vender no entreposto. Nills nascera em Lander e desde menino apreciava caçar nas montanhas, com o pai. Quando ficou órfão decidiu viver nas florestas das encostas das Rochosas, tornando-se caçador profissional. Nunca mais saiu da região, fixando-se numa área em que sabia haver abundância de caça. Não se tornou itinerante, como outros caçadores.

Ele considerava Budrick um homem invejoso, inescrupuloso e canalha. A história sobre como este viera a ser caçador no Wyoming era bastante diferente.

Quando a Guerra de Secessão terminou, milhares de homens só tinham como meio de sobrevivência o uso das armas. Alguns haviam saído da adolescência para os campos de batalha. Com a paz, tornaram-se bandoleiros, guardas de diligências, caçadores de recompensas, pistoleiros e caçadores de peles. Pat Budrick ainda não se decidira por nenhuma dessas alternativas, quando chegara a Lander, depois de perambular pelo Oeste.

Certa manhã, ele estava sentado numa cadeira, na calçada de tábuas em frente ao salão de barbeiros, quando Nills chegou com suas três mulas carregadas com peles de animais que abatera nos últimos dois meses. Observou todos os movimentos do caçador e o seguiu até o entreposto de compra de peles. Sorrateiramente acompanhou todos os lances da transação, através da vidraça do estabelecimento. Distraído, Nills não percebeu que estava sendo espionado, mas o dono do entreposto, sim. Ele comentou:

— Há um forasteiro bisbilhotando nossa transação, Nills. Que acha que ele pode querer?

— Não sei. Vou perguntar — respondeu o caçador, girando nos calcanhares.

Budrick afastou-se, arrastando as esporas pela rua empoeirada. Nills o alcançou, tocou em seu ombro e o fez girar ficando frente a frente com ele.

— Forasteiro, o que estava espionando?

— Largue-me, idiota! Já matei alguns homens por muito menos que isso!

Nills o empurrou e teve ganas de sacar a pistola e abatê-lo, mas conteve-se. Olhou firmemente para o rosto de Budrick, cuspiu nò chão e afastou-se lentamente de volta ao entreposto.

Budrick, desapareceu da cidade por dois meses, logo após aquele desagradável atrito. Alguns cidadãos de Landet garantiram que se dedicara a pequenos assaltos para juntar dinheiro e comprar armadilhas, mas isso nunca ninguém pôde provar. O fato é que, a partir de então, Budrick também se estabeleceu como caçador, depois de comprar um par de mulas e construir sua cabana, dez milhas além do local em que Nills tinha a dele.

Dez anos passaram, desde que se tornara caçador. Budrick tornou-se um homem muito estranho. Talvez a solidão das montanhas tivesse afetado seus miolos, mas a realidade era que raras tinham sido as ocasiões em que viera a Lander e não se envolvesse em algum tipo de confusão. Duas vezes o xerife o metera no xadrez por uma semana, mas ele não se corrigiu.

Entrementes, Budrick se casara com Emma Morgan com quem, curiosamente, não vivia. Ela desejou ir com ele para a cabana nas montanhas, mas o caçador a proibiu. Montara uma pequena casa nos limites da cidade e a cada dois meses passava ali uma semana. Ganhava tanto ou mais dinheiro que Nills com suas caçadas. Utilizava os mesmos métodos que ele e Nills sempre desconfiou que o outro caçador aprendera sua técnica espionando-o trabalhar, oculto na floresta.

— Esse Budrick é um invejoso, Job! Não merece o ar que respira. Podia suportar sua existência, mas o que fez comigo ultrapassou os limites do tolerável. Não terei a menor contemplação — disse Nills, enquanto selava o cavalo. — Você verá!

Nills levou apenas duas mulas. Pretendia vender as peles que carregava nos lombos, antes de procurar Budrick para exterminá-lo. Era uma decisão irrevogável e inadiável. Nills entendia que não poderia deixar o nível da ousadia de seu concorrente crescer sequer uma polegada. Como uma cobra que precisa ser liquidada, antes que cresça. Permitindo que a atitude do outro ficasse sem represália, era possível que da vez seguinte levasse embora as armadilhas.

Doze horas após o início da viagem, Nills chegou a Lander. Avistou o cavalo de Budrick amarrado a uma baliza em frente ao saloon. Ultrapassou-o e foi direto ao entreposto.

* * *

Budrick estava realmente no saloon. Era uma noite fria e os frequentadores abusavam do uísque, para aquecer-se. O caçador não precisava dessa motivação para embebedar-se. Quase todas as noites que passava em Lander ia ao saloon divertir-se e só regressava a casa quando já criara algumas confusões, brigas ou quando já não conseguia manter-se em pé, devido aos efeitos do uísque que ingeria fartamente. Emma costumava esperá-lo sentada no alpendre.

Nills só costumava ficar dois ou três dias cada vez que vinha a Lander. Era o tempo necessário para vender as peles, comprar suprimentos e munição e visitar alguma corista num dos quartos do segundo pavimento.

Naquele momento Nills estava muito irritado. O entreposto de compras de peles estava fechado e só reabriria no dia seguinte. Teria que guardá-las

no estábulo. Sempre que aquilo acontecia, desapareciam uma ou duas peles, surrupiadas pela madrugada talvez pelo próprio dono do estábulo. Mas não havia outra alternativa e, o caçador encaminhou-se com seus animais naquela direção.

Pat Budrick já bebera bastante e atingira o estado de euforia que caracterizava sus embriaguez. Estava no ponto certo para provocar algum tumulto. Sammy Heston, o dono do saloon, chamou discretamente o barman a um canto do balcão e disse:

— Não sirva mais bebida para Budrick! Ele já está falando alto, contando vantagens e em pouco tempo mais vai criar um caso com alguém.

— Ele vai criar problemas por isso, Sammy — afiançou o barman, preocupado.

— Faça o que digo. Para que contratamos Dustin Monory?

Dustin Monory era o segurança do saloon. Costumava agir discretamente, procurando persuadir os encrenqueiros com palavras, demovendo-os de seus intentos desordeiros. Estava no emprego há quatro meses. Nas vezes em que a violência se tornara o último recurso, ele se mostrara bastante eficiente.

— Outro uísque — pediu Budrick, alguns minutos depois da proibição ao barman de servi-lo.

— Sinto muito, mas tenho ordens para não o servir mais esta noite — disse o barman, escusando-se.

— Pare de dizer asneiras e coloque outra dose no copo, ou encho o recinto de fumaça!

— Budrick, sinceramente, por mim eu o serviria! Mas são ordens do patrão!

— Não vem ao caso quem tenha dado tal ordem! Quero uísque e agora, ou vou meter o dedo no gatilho!

— Você conhece Dustin Monory e sabe o quanto ele é rápido. Além disso está bêbado! Não seria adversário para ele.

— Não quero saber de nada! Se o maldito uísque não for servido já, vou descarregar meu Colt dando tiros a esmo!

0 barman colocou as mãos na cabeça. Budrick não estava blefando. Subitamente ele sacou a pistola e começou a dar tiros para cima e para os lados, enquanto gargalhava. A primeira bala estilhaçou o espelho detrás do balcão; a segunda atingiu o teto; a seguinte quebrou uma garrafa sobre uma

das mesas, quase atingindo um frequentador. O quarto tiro foi para o chão, porque Dustin Monory agarrou seu braço e o desviou para baixo.

CAPÍTULO SEGUNDO

Morte esperada

— Pare já com isso, Budrick! — exigiu Dustin Monory, o segurança do saloon, ainda contendo o braço armado do caçador, que mesmo assim fez mais um disparo, sem atingir ninguém.

— Estou só cumprindo minha ameaça, Dustin! — retrucou Budrick, afastando-o com um safanão. — Não fique na frente, pois quem pode machucar-se é você!

Dustin recuperou o equilíbrio perdido quando o desordeiro o empurrara e encarou o patrão, que dele esperava enérgicas providências. Budrick não gastou a última bala que restava no tambor de seu Colt. Os outros frequentadores estavam encolhidos em seus lugares, temerosos de serem atingidos. Para espanto geral o caçador começou a remuniciar o Colt, enquanto falava ao barman, que sabia estar oculto atrás do balcão.

— Sei que está aí, imbecil! Sirva logo o maldito uísque ou desta vez vou acabar com você!

Sammy Heston aproximou-se de Dustin, momentaneamente sem ação e exigiu:

— Tome alguma providência, Dustin! Faça alguma coisa! Se o caçador disparar novamente, pode atingir alguém!

Dustin fez um gesto afirmativo com a cabeça e reaproximou-se de Budrick que exigia do barman, junto ao balcão, que lhe servisse o uísque. Quase conseguiu, pois, o assustado homem já se preparava para pegar a garrafa, quando o segurança interpelou o caçador arruaceiro pela segunda vez:

— Não precisa colocar mais balas no tambor de sua arma, Budrick. Se tiver que disparar, será só contra mim. Coloque a pistola no coldre e decida: ou sai em seguida ou terá que enfrentar-me.

Budrick encarou o segurança com destemor. Cuspiu no chão e devolveu a pistola ao coldre, mantendo a expressão feroz no semblante.

— Vamos fazer as coisas pela metade, está bem? Você cede um pouco e eu também. Já fiz a minha parte, guardando o Colt. Agora diga ao barman para servir uísque para mim e tudo ficará bem.

— Nada disso, caçador! Sou pago para manter a situação do saloon sob controle, pelo menos até a chegada do xerife. Cumpro ordens do patrão. Se não se retirar imediatamente, saque sua arma para defender-se!

— Nem você ou qualquer outro vai conseguir escorraçar-me de um lugar aonde pretendo permanecer! Portanto, Dustin, vá para o inferno!

O segurança do saloon olhou para Sammy Heston, que se aproximara um pouco mais. Com um gesto o patrão ordenou que levasse adiante a atitude tomada. Prevendo um duelo, os frequentadores procuraram retirar-se rapidamente da provável trajetória das balas.

— Onde está o xerife, que não intervém? — indagou um dos parceiros de uma roda de pôquer, levantando-se. — Só um surdo deixaria de escutar os estampidos produzidos por Budrick!

— É a última vez que dirijo a palavra a você, caçador — voltou a ameaçar Dustin, com expressão carregada. — Vai sacar ou retirar-se?

Budrick apossou-se de um copo servido, que fora abandonado no balcão, quando iniciara a desordem e bebeu o uísque que ainda continha. Depois caminhou lentamente para o centro do saloon e aceitou o desafio para o duelo:

— Estou pronto! Saque quando quiser! Talvez você até seja um pouco mais rápido que eu, mas duvido que tenha a mesma pontaria. Não tenho medo de ser baleado, desde que depois, ainda possa dar um tiro e liquidar meu oponente.

— Você quis assim e todos aqui são testemunhas de que fiz tudo para evitar — afirmou Dustin, colocando-se frente a frente com o antagonista.

O ambiente tornou-se mais carregado. Os duelantes ficaram encarando-se por alguns segundos, afastados uns quinze passos. O silêncio era tão marcante que podia-se escutar o zumbido de uma mosca. As coristas e os frequentadores menos corajosos já se haviam retirado do recinto no início da baderna. As primeiras procuraram o desvão da escada; os outros haviam escapado para a rua. Restavam apenas os frequentadores mais experientes naquele tipo de coisa e os envolvidos na questão.

Subitamente ambos sacaram as pistolas. Dustin foi mais rápido e desfechou um tiro no peito de Budrick, antes que ele pudesse disparar. O

impacto da bala fez o caçador recuar e derrubar uma mesa, arrastando-se na queda. A pistola desprendeu-se de sua mão. Ele contraiu a face numa expressão de dor e morreu segundos depois.

Dustin soprou a fumaça que ainda saía do cano do Colt, girou a arma três vezes, com o polegar no protetor do gatilho e devolveu-a ao coldre.

Naquele momento, Arthur Nills amarrava o cavalo na baliza defronte ao saloon. Escutara os disparos feitos por Budrick minutos antes, mas tiros desfechados por desordeiros ou duelos travados entre desafetos não era o espetáculo que mais apreciava. Além disso, estava com a idéia fixa de liquidar Budrick e não conseguia pensar em outra coisa. Escutou então o disparo fatal.

O ruído do corpo tombando sobre a mesa e arrastando-a para o chão, somado ao silêncio que perdurou ainda por alguns segundos deram ao caçador a certeza de que havia um cadáver no saloon, no mínimo. Decidiu entrar para averiguar e esbarrou no xerife, ao tentarem passar ao mesmo tempo pela porta de vaivém.

— Que está havendo, xerife?

— Sei apenas que Budrick está criando confusões outra vez.

Entraram. Dustin engoliu um trago de uísque junto ao balcão, ao lado de Sammy Heston. Nills reconheceu imediatamente á vítima e irritou-se tremendamente por não ter chegado a tempo de fazer aquele serviço.

— Quem o matou e por quê? — indagou o xerife, impondo sua autoridade.

— Ele estava dando tiros à esmo — informou o dono do saloon, relatando os lances e arrematando: — Foi um duelo leal, como todos aqui podem testemunhar.

— Está bem. O caso está encerrado, mas você, Dustin — disse o xerife, voltando-se para o assassino — trate de moderar o uso da pistola. Sei que tem um trabalho a fazer, mas desde que arranjou esse emprego já liquidou três homens neste mesmo lugar!

— Foi inevitável, em todas as ocasiões e você sabe disso — replicou o segurança.

A esposa da vítima, Emma Morgan irrompeu no recinto em prantos e desgrenhada. Dustin retirou-se imediatamente para os fundos, acompanhado do patrão. Alguém fora avisá-la do que acontecera. Ela debruçou sobre o cadáver e ficou abraçada a ele por alguns segundos. Sabia quem era o

matador, mas não estava preocupada com nada além da própria viuvez. Logo depois chegou também o agente funerário da cidade e sentou-se numa das mesas, aguardando um momento de serenidade de Emma para tratar de negócios.

— Sempre pensei que Pat ia morrer vítima de algum animal... afinal aconteceu, de maneira diferente e em local inesperado.

— Não era inesperado — garantiu o xerife. — Seu marido estava procurando isto há longo tempo! Quase sempre se metia em brigas e arruaças quando voltava das montanhas e vinha ao saloon encher a cara de uísque!

— Lander não é uma cidade decente! — garantiu a viúva. — Soube que Pat estava bêbado. Assim ficou muito mais fácil para o assassino. Sabe a quem estou me referindo, xerife! Por que não vai prendê-lo? Ele está nos fundos agora!

— Foi um duelo normal, dentro das regras. Legítima defesa!

— Mas ele estava bêbado, segundo me contaram! Bastava dar-lhe um murro na cara e ele cairia desacordado!

— O assunto já foi encerrado, senhora — disse a autoridade, afastando-se.

— Vou-me embora de Lander para sempre. Isto é um lugar selvagem, onde a vida humana não tem o menor valor. Amanhã enterrarei Pat e partirei logo que conseguir vender as poucas coisas que possuo!

Arthur Nills sentou-se à uma das mesas e pediu uma garrafa de uísque ao barman. Era reconfortante apreciar o cadáver de Pat Budrick estirado no chão, com a esposa chorando ao lado.

Na manhã seguinte, Budrick foi sepultado. Da janela da hospedaria, Nills observava o cortejo fúnebre passar. Seis homens carregavam o caixão, precedidos pelo pastor e por umas quarenta pessoas, inclusive a viúva. Ficou imaginando se seu enterro seria mais ou menos concorrido que aquele. Decidiu adiar para um pouco mais tarde a venda das peles que trouxera porque avistara o dono do entreposto no cortejo fúnebre.

No armazém, Nills comprou o que necessitava para uma permanência de dois meses nas Rochosas e depois seguiu para a ferraria, onde desejava trocar as ferraduras de sua montaria. Gastou mais de uma hora naquilo, tempo suficiente para sepultarem Budrick.

Ele deteve-se diante da porta da barbearia e mirou-se num espelho. Desejava voltar ao saloon naquela noite, para um encontro íntimo com uma corista qualquer e decidiu barbear-se para a ocasião. Entrou e sentou-se na cadeira.

— Faça minha barba com cuidado. Vai notar que falta um pedaço da orelha esquerda. Seu antecessor cortou-me com a navalha e o ferimento infeccionou. Eu o matei por isso!

— Devia ser muito incompetente — disse o barbeiro, procurando mostrar-se gentil. — Quando foi isso?

— Há alguns anos. Qualquer cidadão de Lander pode contar os detalhes.

Aquilo realmente acontecera. Após sofrer o ferimento produzido pela navalha, Nills esmurrara o barbeiro e este tentara sacar a pistola que tinha na gaveta. O caçador deixara que a empunhasse e o abatera com um tiro entre os olhos.

Barbeado, Nills rumou para o estábulo e recolheu as peles que haviam sido deixadas no chão e colocou-as sobre as mulas. Seguiu para o entreposto.

Ali realizou as transações apurando pouco mais de quatrocentos dólares. O dono do entreposto comentou:

— Budrick era um bom caçador. Quase tanto quanto você. Agora é o único estabelecido na região.

— Não vai afetar em nada seus negócios, o fato de Budrick estar morto. Os caçadores itinerantes sempre passam por Lander para transacionar com você. Seus preços são bons.

— Vocês nunca se deram muito bem, não é mesmo?

— É verdade... vou confessar algo que espero ficar entre nós. Antecipei minha vinda à cidade em três semanas, apenas para dar uns tiros em Budrick. Infelizmente não cheguei a tempo. O canalha sabotou minhas armadilhas e teve a audácia de esfolar um urso capturado por uma delas. Aposto quatrocentos dólares como ele lhe vendeu uma pele de urso que nem tinha sido curtida!

— É verdade. Realmente tenho uma pele de urso secando ao sol, nos fundos.

— Sinto vontade de falar com a viúva e cobrar meu prejuízo — confessou o caçador.

— Não faça isso! A mulher mal consegue concatenar as ideias. Está chocada com o que aconteceu. Está vendendo a casa, as mulas e o cavalo de Budrick e até suas armadilhas. Quer mudar-se para Casper.

— Tentou vender para você?

— Sim, mas não sou caçador. Acho que é uma boa oportunidade para você. Com quatrocentos dólares poderá comprar quatro excelentes armadilhas Grower, bem melhores que as que possui. Com uma boa conversa ela lhe cederá as mulas.

— Não gosto muito de explorar o desespero alheio, mas seria uma forma de compensar-me pelos transtornos. A transação me interessa. Vou procurá-la imediatamente, antes que mude de idéia.

Minutos depois o caçador chegava a casa da viúva. Havia outras mulheres fazendo-lhe companhia. Nills entrou pela porta aberta, enquanto retirava o chapéu.

— Que quer aqui, Nills? — perguntou a viúva. — Você e Pat nunca foram amigos!

— É verdade, Emma. Por isso que sempre fomos concorrentes um do outro. Mas não havia mágoas ou ressentimentos — mentiu Nills, prosseguindo: — Estou aqui por dois motivos: apresentar minhas condolências e lhe propor um bom negócio a respeito das armadilhas.

— Eu não as venderia a você, por dinheiro algum! Se quer mesmo saber, meu marido o odiava!

— Meu dinheiro a ajudaria bastante — garantiu Nills, procurando ser convincente.

— Venda, Emma! — interveio uma das mulheres que lhe fazia companhia. — Para quem mais poderia fazê-lo?

— Pago quatrocentos dólares em dinheiro — disse o caçador, sacando o pequeno maço de notas do bolso e começando a contar. — Quero apenas que me forneça a localização das armadilhas e que ceda também as mulas.

A viúva negaceou por algum tempo, mas todas as pessoas que estavam em torno dela argumentavam que os ressentimentos eram do marido e não dela, que o proposto era um excelente negócio, face as circunstâncias e que, ao partir de Lander, não deveria deixar nada para trás.

— Está bem. Vamos acabar logo com isso, para que saia da minha casa. Aceito sua proposta!

— Aqui está o dinheiro. Onde posso achar as armadilhas?

— Não estão armadas. Pat costumava passar uma semana inteira comigo, quando vinha a cidade. Se alguma caça fosse capturada, morreria nesse tempo e os animais e aves de rapina fariam o restante. Fique também com a cabana.

CAPÍTULO TERCEIRO

Melhores armadilhas

Nills estava radiante com a possibilidade de expansão de seus negócios através da aquisição das armadilhas e montarias, além da cabana a dez milhas da que habitava. Até antecipou o momento do regresso. Ao anoitecer esteve no saloon, bebeu alguns tragos de uísque, perdeu o dinheiro que restava no jogo e finalmente convidou uma das coristas para irem a um dos quartos do segundo pavimento. Duas horas mais tarde, partiu de volta às Rochosas.

O caçador viajou por toda a madrugada e continuou pela manhã, até chegar a primeira cabana. Ali descarregou os suprimentos e deixou metade dos animais, prosseguindo a jornada em direção à cabana que fora de Budrick. Possuía então um cavalo, um cão e cinco mulas.

Por volta do meio-dia pôde finalmente localizá-la. Partia estar em precário estado de conservação. Nills desmontou e caminhou até a porta, com o cão job colado a ele. O animal estava muito cansado pela exaustiva marcha seguindo o dono desde Lander. O caçador aplicou um pontapé e a porta se escancarou.

— Até que por dentro não está tão desarrumada como a aparência exterior sugere — comentou, enquanto Job penetrava na cabana.

A habitação estava parcialmente destelhada. Tinha aparência sólida, pois fora construída com grossas toras de madeira, muitas das quais estavam quase soltas. Budrick não cuidava de sua vivenda como devia. Por dentro, entretanto, todas as coisas estavam em seus lugares. Era bem maior que a cabana de Nills. Possuía três cômodos. Um deles funcionava como dormitório; outro como sala e o terceiro era a cozinha. As telhas que cobriam a cabana estavam assentadas sobre argila. As intempéries haviam danificado a cobertura sobre a cozinha.

Nills ponderou que poderia consertar as avarias e residir ali. Teria apenas que reparar as janelas e o telhado. Com pouco trabalho daria um

ótimo aspecto à habitação. Periodicamente iria à outra cabana, onde ficariam as demais armadilhas.

Ele encontrou as que haviam pertencido a Budrick. Não estavam malconservadas, mas precisavam ser lubrificadas. Decidiu espalhá-las naquele mesmo dia. Primeiro teria que localizar as trilhas que levavam aos bebedouros dos animais para colocá-las. Planejou voltar à outra cabana no dia seguinte, não só para situar as armadilhas na área conhecida, como também para apanhar munição e suprimentos. Sua atividade de caçador se tornaria, segundo pensava, mais lucrativa e interessante.

O esquema de trabalho consistia em preparar as armadilhas numa das áreas e viajar calmamente para a outra, com os animais de carga. No trajeto iria abatendo a caça que encontrasse. Chegando à área próxima da outra cabana, as armadilhas colocadas lá já teriam cumprido seu papel. Seu trabalho seria apenas matar e esfolar a caça, colocando a pele para curtir ao sol. Depois descansaria algumas horas e retomaria à primeira cabana, sem pressa. Quando lá chegasse, já teria decorrido tempo suficiente para as armadilhas terem sido ativadas.

Tudo começou a dar certo, pois o esquema funcionava perfeitamente. Apesar de não conhecer bem a área de caça de Budrick, ele encontrou facilmente lugares interessantes para colocar as armadilhas Grower. Não capturava com elas tantos animais quanto com as que distribuíra nas proximidades da antiga cabana, mas os resultados em ambas podiam ser considerados satisfatórios. E assim se passaram dois meses.

As cinco mulas foram carregadas com peles de alces, antílopes, pumas, ursos, raposas e até coelhos. Nills começou a viagem bem cedo, depois de distribuir pela floresta das encostas todas as armadilhas que possuía. Viajou por toda a manhã e deteve-se junto a uma nascente para cozinhar algo e descansar por algum tempo. Quando regressasse já haveria caça nas armadilhas.

A nascente formava-se num pequeno olho d’água que emergia da terra formando um poço que escoava sob a forma de riacho. As águas eram cristalinas. O sol estava forte. Nills decidiu molhar-se no poço e despiu-se para isso, jogando as botas na relva que havia em torno da nascente.

O poço era de pequena profundidade, atingindo a altura dos seus joelhos e sentou-se na água, refrescando-se. O cão, Job, também penetrou no poço, mas não ficou muito tempo, voltando à margem.

Subitamente o animal avistou uma pequena cascavel deslizando pela relva. Uma das botas estava tombada e o réptil penetrou pelo cano. Nills, nada percebeu até que Job começou a latir e a rosnar, enquanto se aproximava, todo eriçado, da bota em que se metera a serpente.

— O que há, Job? Está vendo fantasmas de dia?

Job investiu contra a cascavel, abocanhando o cano da bota, sacudindo-o nos dentes, em seguida. A cobra deslizou para fora e, em certeiro bote, picou o cachorro. Job revidou, mordendo a serpente de forma tão vigorosa que a dividiu em dois pedaços, um dos quais continuou preso a sua pata.

Nills assistiu ao lance. Saiu logo da água, correndo ao cinturão de onde sacou rápido uma faca de sua bainha e um Colt do coldre. Dispensou a segunda arma, logo que viu o cão aniquilar a cobra.

Job gania de dor na pata. Tudo se enevoava diante de seus olhos. Seu dono abaixou-se junto dele e deu um golpe com a lâmina na sua pata cortando profundamente, acima do local da mordedura da cascavel. O cachorro encolheu a pata, mostrando os dentes. Energicamente Nills o segurou e aproximou sua boca das marcas das presas do réptil, sugando sangue. Sentiu o gosto do veneno na boca e cuspiu. Repetiu os movimentos três ou quatro vezes, até que percebeu, pelo paladar, que Job não tinha mais peçonha nas veias.

Nills tratou do cão como se fosse uma pessoa. Não era a primeira vez que o animal salvava sua vida ou o livrava do perigo iminente. Job esteve atordoado por toda a tarde, recobrando-se um pouco ao anoitecer. A causa da melhora foi as infusões que o caçador o forçou a ingerir. Ele preparou-as com ervas medicinais curativas, cujos benefícios fora aprendendo ao longo de quase vinte anos de vivência nas montanhas.

Na manhã seguinte, Nills prosseguiu viagem. O cão foi acomodado numa padiola atrelada a umas das mulas. Pouco depois do meio-dia, se deteve diante da casa do veterinário de Lander e entregou Job para que fosse tratado. Cavalgou mais cinco minutos com as mulas a reboque e chegou ao centro da cidade.

A venda de peles rendeu setecentos e cinquenta dólares e aquilo deixou Nills radiante. Sabia perfeitamente que poderia obter muito mais caça, quando finalmente conseguisse pontos mais produtivos para colocar as armadilhas que haviam sido de Budrick. Começou a projetar planos para o futuro próximo. Se pudesse economizar compraria uma carroça e ficaria

seis meses caçando. Depois viajaria para Casper, eliminando a intermediação do entreposto de Lander.

O caçador foi ao saloon, onde permaneceu por quase todo o dia. Próximo ao anoitecer visitou o armazém, entregou uma lista de compras ao dono do estabelecimento, anunciando que voltaria no começo da manhã seguinte para pagar-lhe e levá-las. Em seguida cavalgou até a casa do veterinário, situada meia milha fora dos limites de Lander.

— Como está Job? — indagou, vendo o veterinário cuidando do jardim.

— No momento apenas com o organismo enfraquecido. Melhorará paulatinamente. Espero poder aumentar o ritmo da recuperação com os medicamentos. Não corre nenhum perigo de vida. Você o salvou a tempo, dando o corte para sugar o veneno.

— Ele teve sorte por eu estar nas imediações no momento em que foi picado.

— Em três dias estará como se nada houvesse acontecido — garantiu o veterinário. — Vou vender-lhe alguns frascos de uma excelente medicação para o cão. Servirá também para você, caso seja picado por alguma cobra.

Anoiteceu. Nills voltou para o saloon, separou cem dólares para enfrentar alguns parceiros de pôquer e conseguiu perdê-los em apenas duas horas. Afastou-se do jogo e convenceu uma corista a acompanhá-lo a um dos quartos. Aquela era a rotina imutável de todas as vezes que vinha a Lander.

Na manhã seguinte, foi ao armazém e as compras que encomendara já estavam a sua disposição. Basicamente eram víveres, munição, coisas essenciais à sua atividade profissional e à vida agreste nas desoladas Montanhas Rochosas. Mas havia também um cesto largo, do tipo usado pelos peixeiros, só que um pouco mais profundo. O dono do armazém não pôde conter sua curiosidade e perguntou:

— Para que o cesto, Nills? Pretende colher morangos silvestres em sua zona de caça?

— Talvez faça isso depois — respondeu o caçador, sorrindo. — Por enquanto servirá de compartimento de viagem para Job. Ele foi picado por uma cobra, está bem, mas ainda não tem condições de acompanhar a marcha dos outros animais.

Nills levou as compras para a calçada de madeira e caminhou até o estábulo onde recolheu as cinco mulas, já arreadas. Numa delas amarrou o cesto, forrando o interior com a manta nova. Tinha evidentemente grande estima por Job, que já o acompanhava há cinco ou seis anos. Depois foi com seus animais até diante do armazém, carregou dois deles com as compras e partiu.

Na saída da cidade, deteve-se na casa do veterinário, pegou o cão, os frascos de remédio e um papel com as prescrições sobre as doses para Job e para ele, em caso de necessidade futura.

— Lembre-se — alertou o veterinário. — Os medicamentos ajudam na recuperação, mas as providências usuais após uma picadura continuam sendo necessárias.

— Não esquecerei — garantiu Nills, montando.

Pouco antes do anoitecer, chegou à primeira cabana. Decidiu vistoriar as armadilhas na manhã seguinte. Ministrou as doses indicadas pelo veterinário e o cão não se negou a ingerir três tipos de amargos líquidos.

Quando amanheceu, Nills pegou a carabina e foi vistoriar as armadilhas. A primeira estava intacta e ele não tocou nela. A seguinte capturara um urso, que ainda vivia, com uma das patas traseiras quase decepada. O caçador abreviou o sofrimento do animal, abatendo-o com um tiro. Depois passou a esfolá-lo. Em meia hora retirou-lhe a pele e colocou-a sobre um galho de árvore.

A armadilha seguinte fora acionada, mas o animal fora incrivelmente mais rápido que o mecanismo do instrumento, escapando. Nills rearmou-a e seguiu na direção em que colocara outra.

A quarta decepara a cabeça de uma raposa. O animal decapitado ainda estava quente. Acontecera há poucos minutos. Nills a retirou da armadilha, rearmando-a. Procedeu como fizera com o urso, deixando a pele pendurada nos ramos de uma árvore.

A penúltima armadilha capturara um puma. O procedimento do caçador se repetiu: liquidou a caça que agonizava após perder muito sangue.

A última armadilha capturara outra raposa, que estava prestes a libertar-se, roendo a própria, pata que os dentes do instrumento de caça por pouco não decepara. Nills deu-lhe um tiro e esfolou também aquele animal.

Com todas as armadilhas reativadas, o caçador regressou sobre os próprios passos, recolhendo no caminho as peles dos animais. Gastara toda a manhã na atividade. Pela primeira vez o cão não o acompanhara naqueles trabalhos. Job permanecera na cabana, trancado, pois manifestara a intenção de seguir o dono.

Nills pegou a escada e a colocou rente a parede, para subir ao telhado. As telhas retangulares eram assentadas sobre argila, como em quase todas as cabanas de caçadores do Wyoming. Levava nos bolsos alguns pregos e as peles recém-obtidas às costas. Esticou todas elas, com a pelagem para baixo, fixando as extremidades com pregos, cravando-os na madeira utilizando a coronha da pistola. O sol faria o resto. O caçador desceu a escada e guardou-a na cabana.

Ele tivera o cuidado de cortar um pouco da carne do urso para alimentação. Preparou-a para si e para o cão. Comeram e dormiram por algumas horas.

No meio da madrugada, Nills despertou. Iria viajar imediatamente para a outra cabana, sem deter-se para caçar no trajeto. Já faziam três dias que colocara as armadilhas Grower, e não desejava encontrar aves de rapina sobre os animais capturados, o que aconteceria se gastasse mais tempo, pois morreriam de hemorragia.

Ele cavalgou duas horas e ainda não havia amanhecido quando chegou a segunda cabana, com duas mulas a reboque. Entrou na tosca habitação, descarregou a parte dos víveres que trouxera e preparou um desjejum.

O caçador estava satisfeito com o desempenho das armadilhas compradas a Emma Budrick. Eram muito mais sensíveis que as que possuía. Capturavam animais mais leves, como coelhos. Suas peles não eram muito valiosas, mas como alimento, eram a melhor caça. O grande problema que tinha em relação às armadilhas Grower era que ainda não conseguira achar os locais mais adequados para armá-las.

Apenas duas delas haviam funcionado. A primeira capturara uma raposa; a segunda, também; as restantes, entretanto, não haviam sido acionadas por nenhum animal de passagem pelo trecho.

— Preciso mudá-las para algum lugar mais propício — murmurou o caçador. — Vou colocá-las duas ou três milhas ao norte daqui próximo a estrada para Casper. Ali talvez rendam mais.

CAPÍTULO QUARTO

Acidente

Duas semanas passaram. As Grower vinham dando melhores resultados no novo local em que haviam sido colocadas. Nills já obtivera mais de trinta peles, de variados tipos de caça. Ponderou que talvez fosse até interessante diminuir os espaços entre suas idas a Lander, pois estava conseguindo obter peles suficientes para carregar as mulas em tempo menor que a que calculava.

* * *

Certa tarde, dois homens cavalgavam de Casper para Lander. Eram caçadores de recompensas e procuravam bandidos cujas cabeças estavam a prêmio em dinheiro. Agiam em todo o Wyoming há anos. Eram conhecidos da maioria dos xerifes, de quem iam cobrar as recompensas por celerados que liquidavam sempre, embora nos cartazes estivesse escrito “vivos ou mortos”. Não desejavam correr perigo ou ter trabalho transportando os criminosos com as mãos atadas às costas. Preferiam levar os cadáveres colocados atravessados nas montarias. Seus nomes eram James Gibb e Walter Loy.

— Vamos procurar um bom lugar para passar a noite, Walt — disse James. — Não tarda a anoitecer.

— Saiamos da estrada — disse Walter. — Talvez achemos uma clareira no arvoredo.

Estavam a um quarto de milha de uma das armadilhas Grower postas por Nills. Encontraram a clareira, e James começou a recolher galhos, folhas e ramos secos para fazer uma fogueira.

— Talvez consigamos ainda um bom jantar — disse Walter. — Ovos de patos selvagens e alguma caça qualquer. Vou circular em torno e verei o que posso arranjar.

— Tome cuidado para não se perder. Não tarda a escurecer.

Walt afastou-se, abrindo caminho no arvoredo utilizando o facão. Atentava para os ramos e forquilhas das árvores, procurando localizar algum ninho. Ao mesmo tempo mantinha os olhos atentos na linha do solo, esperando a passagem rápida de um coelho ou qualquer pequeno animal.

Sem perceber, Walt foi enveredando cada vez mais pela floresta. Frutas também interessavam, mas ele nada estava encontrando. Tampouco gostaria de voltar para junto do companheiro com as mãos vazias. Prosseguiu, embora a luminosidade do dia diminuísse a cada instante. Perdeu a noção da distância percorrida.

Subitamente, pisou na armadilha oculta por folhagem e acionou o mecanismo. Num átimo, as bordas dentadas se fecharam sobre sua bota direita, logo acima do tornozelo. Walt soltou um grito pavoroso. Ele ecoou nas montanhas e chegou aos ouvidos de James, que deu um salto da sela onde se sentara, sacando as pistolas.

Walt caiu. A tíbia e o perónio ficaram esmagados e ele sentia a bota inundando-se de sangue. A dor era terrível, algo como jamais antes sentira. Gritou novamente, em desespero. Não satisfeito, sacou de ambas as pistolas e disparou para o alto até descarregá-las, tentando chamar a atenção do companheiro.

James correu pela trilha aberta por Walt. Queria chegar até ele antes que anoitecesse completamente, quando não teria mais a possibilidade de distinguir a senda no denso arvoredo.

Dez minutos depois conseguiu avistá-lo caído, com as pistolas nas mãos. As últimas luzes do dia se extinguiam. James aproximou-se e Walt abriu os olhos, gemendo:

— É uma armadilha de caça! Quase decepou-me a perna... Tire-me daqui!

— Sei como libertá-lo. Fique quieto! Não mova um só músculo!

James acionou o mecanismo de retrogressão. A armadilha abriu-se, como a boca de uma fera. Walt, sempre gemendo, segurou a perna atingida com ambas as mãos e puxou-a para fora da engrenagem.

— Q sangue inunda o cano da bota! Vou morrer ou perder parte da perna!

— Talvez não aconteça nada disso, Walt. Viajaremos para Lander imediatamente. Vamos retirar a bota e fazer um torniquete para tentar estancar o sangue.

Anoiteceu completamente. Na escuridão do arvoredo, James descalçou a bota do companheiro, que urrava como um puma ferido. Entregou-lhe uma caixa de fósforos e pediu que Walt o ajudasse:

— Precisa fazer sua parte, companheiro! Necessito de luz para atuar sobre o ferimento.

À tênue luminosidade do fósforo que Walt segurava com as mãos trêmulas, James examinou o ferimento. Sangrava bastante. Pôde ver que os ossos haviam sido esmagados; as carnes, dilaceradas e os nervos rasgados como folhas de papel.

Walt gemia o tempo todo. James retirou o lenço do pescoço e amarrou-o na perna ferida pouco abaixo do joelho, fazendo o torniquete.

— Vou tentar levá-lo nas costas até onde estão os cavalos, companhe.ro. O ferimento está sangrando menos agora.

— Sinto-me fraco... não suporto mais a dor! James, dê-me uma coronhada, para que eu perca os sentidos!

— Está bem, já que assim deseja.

Foi um golpe seco e certeiro no tampo da cabeça de Walt, que ficou inerte. James o pegou, colocou-o as costas e gastou mais de uma hora para percorrer o quarto de milha que os separava do local em que estavam os cavalos. A fogueira ainda estava acesa.

Walt recuperou os sentidos. A dor continuava terrível. Ele gemeu fortemente, chamando a atenção do companheiro que naquele momento aquecia uma faca no fogo, até tornar a lâmina incandescente.

— Isso vai doer, James. Preciso cauterizar o corte para impedir que continue sangrando. O torniquete não conteve, apenas reduziu a hemorragia.

— Ê impossível que a dor aumente!

— Engana-se, companheiro! Não existe dor insuperável.

— Não suportaria, James! Se tem mesmo que fazer a coisa, dê-me outra coronhada.

— Procure não se viciar — gracejou James. — Será a segunda que lhe aplicarei esta noite! Quer espalhar dor por todo o corpo?

Walt fechou os olhos ao receber o golpe na parte posterior do crânio, perdendo os sentidos novamente. James reaqueceu a faca e quando a lâmina ficou em brasa, encostou-a no ferimento do companheiro. Fumaça cinzenta

e o cheiro de carne queimada fizeram com que o improvisado enfermeiro voltasse o rosto noutra direção.

Quando terminou aquele trabalho, James colocou as selas nos cavalos e amarrou o ferido numa delas. Em seguida apagou a fogueira e retomou a marcha para Lander. Procurava viajar o mais depressa possível. Fizera o que pudera por Walt. O ferimento não sangrava mais.

Walt recuperou os sentidos duas horas depois. Fora colocado de bruços sobre a sela. Não se moveu. Estava submerso num oceano de dor. A cabeça lhe latejava terrivelmente. Sua consciência só registrava uma sensação: dor. O resto era um torpor que mais parecia um mau sonho.

Quando amanheceu, Walt sentiu-se ainda pior. A dor não arrefecera nada e a luminosidade do dia o incomodava também. Gemia terrivelmente quando chegou a Lander, por volta das dez horas.

— Onde encontro um médico? — perguntou James, nervosamente, a um cidadão que o olhava com curiosidade da calçada de madeira.

— Nesta mesma rua, numa casa cinzenta com janelas marrons. Que aconteceu com seu companheiro?

James não respondeu e continuou cavalgando. Perto da residência do médico o xerife cs interpelou, caminhando paralelamente, pela calçada:

— O que tem ele, James?

— Uma armadilha de caça o pegou, xerife. Espero que o médico consiga fazer algo por sua perna.

O xerife continuou caminhando. Pretendia ajudar no que pudesse. Já conhecia a dupla de caçadores de recompensas, pois pagara alguns prêmios por bandidos que tinham abatido. Não tinha grande consideração por aquele tipo de pessoa, mas hão recusava ajuda a qualquer cidadão ferido.

— Aqui estamos — disse a autoridade. — Deixe-me ajudar a descê-lo da sela.

Walt gemeu fortemente quando o retiraram. O médico chegou à janela e ordenou que o levassem para dentro.

— Isso vai passar, Walter — garantiu o xerife, ao perceber que ele se mantinha consciente.

— Espero que sim — disse o ferido, entre gemidos. — Quero ficar bom logo, para voltar ao lugar em que fui atingido... quero mandar o caçador que colocou aquela armadilha para junto de Satanás... nem que seja essa a última coisa que faça em vida!

O xerife decidiu não discutir o assunto. Julgou que não era o momento propício.

— Por aqui — determinou o médico, indicando uma saleta, onde costumava atender os pacientes. — Coloquem-no sobre aquele leito.

James e o xerife observavam o médico examinar o ferimento enquanto o primeiro relatava a autoridade os detalhes do acidente. Walt gemia ainda e quando falava era para ameaçar de morte o caçador que colocara as armadilhas no local em que fora atingido.

O médico terminou o exame do ferimento e declarou:

— Não tem mais jeito. Teremos que amputá-la logo abaixo do joelho!

— NÃO! — gritou Walt. — Não quero isso! Deixem que eu morra e enterrem-me inteiro!

— Escute, caçador — disse o médico. — Morrer é a pior coisa que pode acontecer a uma criatura! Vai perder um pedaço de si, mas escapará com vida. Em Cheyenne poderá comprar uma boa perna de madeira e calçando a bota por cima, ninguém notará!

— Eu notarei e é o suficiente! Um homem não pode decidir sobre a própria vida?

— Você não está em condições de decidir coisa alguma! — afirmou o xerife, voltando em seguida para o médico. — Doc, quer que o amarremos na cama ou algo assim?

— Deem-lhe uísque e o amarrem bem, — disse o médico.

Walt tentou erguer-se, mas o xerife e James lançaram-se sobre ele, dominando-o. O médico entregou-lhes faixas com tiras de lençóis, com o que começaram a amarrá-lo, com grande dificuldade.

— Vou matar aquele caçador, vocês verão! Vou liquidá-lo, não importa o que aconteça depois! Atirarei nele sem lhe dar a menor chance de defesa! — prometeu Walt, aos brados.

Conseguiram amarrá-lo, finalmente. Walt continuava gemendo e falando sem parar. O médico entregou uma garrafa de uísque na mão de James e ordenou:

— Dê-lhe um porre com essa bebida. Suportará melhor a dor da amputação.

— Há meio dia que sinto dores atrozes! Que pode ser ainda pior? — indagou Walt, tentando inutilmente mover-se na cama. James colocou o gargalo da garrafa em sua boca e derramou o conteúdo garganta abaixo.

— Dê-me outra coronhada, companheiro! — suplicou Walt, com as lágrimas escorrendo pela face e a voz empastada. — Bata bem forte desta vez, para que só desperte daqui a muitas horas.

— Não vou permitir* isso aqui! — anunciou o médico.

James sacou a pistola, apontou para o médico e o xerife, imobilizando-os.

— Pois tentem impedir-me!

Aproximou-se então de Walt e desferiu uma pancada com a coronha da arma em sua testa. Depois recolocou a pistola no coldre e falou:

— Agora faça o que é preciso.

James e o xerife retiraram-se da sala e foram para outra, aguardar o término da cirurgia.

— Não devia ter sacado a arma para mim! Não tentaria impedi-lo.

— Lamento, xerife, mas não poderia saber. Pobre Walt! Nunca mais terá condições de correr e talvez não possa nadar.

— Ele se acostumará. Quando se recuperar da cirurgia virei aqui para termos uma conversa sobre suas intenções de liquidar o caçador. Tentarei demovê-lo disto.

— Não tente. Será inútil — garantiu James, aceitando um charuto que o xerife oferecia.

— Se isso acontecer, tentarei prendê-lo. Procure fazer com que compreenda que será um crime premeditado.

— Encaro a coisa como uma justa vingança. E digo mais: se Walt morrer ou estiver impossibilitado de consumá-la, tomarei para mim esse encargo.

— Nesse caso, -tenho que alertar Nills... Se o matarem serei forçado a tomar uma outra providência.

— Nills... é esse o nome do canalha? Muito bem, xerife, agora já sei... E qual será a segunda providência?

— Prender o assassino! — respondeu o xerife, sacando seu relógio do bolso e dizendo. — Agora preciso fazer a primeira ronda do dia. Mais tarde nos veremos no saloon. Espero que até lá seus planos tenham mudado.

Uma hora depois a cirurgia chegou ao fim. Walt gemia bêbado e semiconsciente. Bandagens cobriam a parte amputada. O médico chegou a sala de espera com as vestes salpicadas de sangue.

— Terminou. Está tudo bem. Ele sobreviverá — disse para James, que se levantou imediatamente para ver o amigo.

CAPÍTULO QUINTO

A herança

— Como está seu amigo? — perguntou o xerife, quando, pouco depois do anoitecer, James surgiu no saioon.

— Está vivo e sente ainda dores fortes, mas não tanto quanto antes.

— Amanhã estará melhor — garantiu Sammy Heston, o dono do estabelecimento. — Em duas semanas estará pronto para outra.

— Pensou bem no que lhe disse, ao nos despedirmos? — perguntou o xerife.

— O tal Nills pode se considerar um homem morto! Não há nenhuma dúvida quanto a isso — garantiu o caçador de recompensas. — Se for necessário, eu e Walt até fugiremos do Wyoming, após liquidá-lo!

— Quero que saiba que gostaria imensamente de metê-los no xadrez agora mesmo, mas ameaças não constituem crime!

— Não tente fazer nada para evitar a vingança de Walt. Desde que acordou não fala em outra coisa — garantiu James. — Agora, se me dão licença, comprarei uma garrafa de uísque para levar. Pretendo embebedar meu companheiro novamente, para que não padeça tanto.

James afastou-se logo que obteve a garrafa, rumando para a pequena clínica. O xerife permaneceu junto ao balcão, conversando com o dono do saloon.

— Acho que viajarei até as cabanas de Nills — disse a autoridade. — Deixarei meu auxiliar na vigilância da lei e irei avisar a meu amigo caçador do perigo que corre.

— Creio que deve fazer isso — concordou Sammy Haston. — Quanto antes, melhor!

— Tem razão. Partirei imediatamente. Ouvi dizer que um homem prevenido vale por dois. É este o número dos inimigos de Nills.

— Serão então dois contra dois — gracejou o barman.

— É mais ou menos essa a idéia — afirmou a autoridade.

O xerife delegou poderes a seu auxiliar, montou e partiu para as Rochosas. James o viu partindo, da janela da clínica. Deduziu que talvez estivesse indo avisar Nills de suas intenções. Não se importou com aquilo. A preocupação que tinha naquele momento era alimentar-se, coisa que não fazia há mais de trinta horas.

* * *

O xerife encontrou Nills no telhado da primeira cabana. Ele estava esticando as peles de alguns animais sobre as telhas.

— Olá, Nills! Muito trabalho?

— Bastante..., mas o que faz aqui? Procura algum criminoso?

— Ainda não. Quero falar com você.

— Suba para o telhado. Não desabará com nosso peso. Assim poderá ajudar-me com as peles.

O xerife subiu. Recebeu alguns pregos e orientação sobre como cravá-los nas peles que esticava.

— Pregue o mais próximo das extremidades possível. Quanto menos estragar as peles com perfurações, melhor preço conseguirei. Mas qual é o assunto que o trouxe a esta área?

— Você não irá gostar.

— Fale logo, homem!

— Pois bem, Nills, irei direto ao assunto: você arranjou úm par de inimigos.

— Quem são eles e por que me odeiam?

— Uma de suas armadilhas pegou um caçador de recompensas chamado Walter Loy. O companheiro dele o levou até Lander, onde sofreu amputação logo abaixo do joelho. Tem a idéia fixa de matá-lo, em represália pelo que lhe fez a armadilha. Aliás é bom que saiba que James Gibb, que viajava com Walt, afirmou que irá liquidar você, caso a vítima não tenha condições. Vim aqui para preveni-lo.

— Agora entendo porque havia tanto sangue em torno de uma das armadilhas. Fiquei intrigado porque estava armada, como se alguém tivesse libertado um animal capturado.

— Certamente, James a abriu para libertar o amigo. Que pretende fazer a respeito?

— Ainda não decidi — disse Nills, enquanto continuava o trabalho. — Farei isso quando terminar com as peles. Há duas horas abati um coelho. Almoce comigo e com Job.

Durante as duas horas seguintes, não tocaram no assunto. Nesse período Nills amadureceu em sua consciência uma decisão. Almoçaram cerca do meio-dia e foram para fora da cabana, esquentar-se sob o sol momo.

— E então, já pensou seriamente no caso? — perguntou o xerife, palitando os dentes com um espinho.

— Que me aconselharia a fazer?

— Desapareça por algum tempo. Dois meses serão suficientes. Coloque suas armadilhas nos lombos das mulas e viaje para o norte, onde também há muita caça. E quando os caçadores de recompensas vierem aqui procurá-lo, não encontrarão nem as pegadas dos animais, pois as intempéries terão destruído as marcas de sua passagem. Deixe as coisas esfriarem e então volte.

Nills ficou silencioso por alguns minutos. Analisava vários pontos da questão. Concluíra que as palavras de seu amigo xerife só corroboravam uma decisão que havia tomado.

— Não posso fazer o que propõe por vários motives. Primeiro, porque não sou covarde e além disso, se realmente os caçadores querem vingança, poderão esperar meses e até anos e então voltariam aqui, pegando-me desprevenido. Fugindo, só iria retardar o confronto.

— Qual é sua decisão? Que atitude pretende tomar, Nills?

— Não quero fugir. Conheço e amo esta região e aqui quero ser enterrado um dia. Só aqui me sentiria tranqüilo. Assim, creio que o acompanharei no seu regresso a Lander. Vou ao encontro de meus inimigos. Que decidam como será, quando nos defrontarmos!

— Um deles ainda não pode sair da cama, pois está debilitado pelo sofrimento e pela perda de sangue.. O outro, James, poderá querer decidir a questão com você.

— Será um inimigo a menos — garantiu Nills. — Tudo dependerá dele.

— Pensando bem, acho que tem razão, também não gosto de situações indefinidas.

— Cavalgue comigo até a antiga cabana de Budrick. Quero retirar das armadilhas todos os animais capturados. Não são muitos, pois ainda ontem estive lá. Vou esfolá-los e deixarei as peles curtindo para levar à cidade na próxima vez. fá tenho algumas estocadas e até pensava em antecipar minha ida a Lander.

Viajaram para a outra cabana, levando também o cão Job, que se recuperara totalmente, após tantas semanas desde que fora picado pela cascavel. Havia apenas uma raposa presa numa das Grower. Nills liquidou-a com um tiro e a esfolou rapidamente.

— Onde acha que o caçador de recompensas foi ferido? — perguntou o xerife.

— Aqui, neste lugar. Foi esta armadilha que o pegou.

O xerife circulou pelas imediações e logo encontrou a bota dilacerada de Walt. Fora atirada por James entre uma formação fechada de arbustos.

— Aqui está a prova — disse a autoridade. — Foi neste lugar mesmo que a coisa aconteceu.

— Acha que tenho alguma culpa?

— Claro que não, Nills! Teria se tivesse colocado numa trilha por onde costumassem passar pessoas.

Todas as armadilhas foram desarmadas. Nills não sabia se iria sobreviver ao confronto com James e não desejava que animais capturados tivessem lenta agonia por não haver quem lhes desse o tiro de misericórdia. Iniciaram a viagem à noite, chegando a Lander no início da outra tarde.

— Estarei a seu lado quando for falar com o ferido — disse o xerife. — Tentarei fazê-lo entender que não teve culpa alguma do que aconteceu.

— Ficarei grato. Iremos vê-lo depois do jantar. Antes disso preciso vender as peles e barbear-me para um encontro noturno com alguma corista interessante. Nos veremos no saloon, ao anoitecer. Tenho também que trocar as ferraduras das mulas que foram do falecido Budrick e passar no armazém. O inverno se aproxima e reservei uma pele de urso para fazer um casaco.

— A mulher do dono do armazém é uma boa costureira — disse o xerife, apeando diante da cadeia.

Nills prosseguiu cavalgando pela empoeirada rua principal. O cão o seguia. Quando passou diante da estação de diligências um homem gritou, lá de dentro:

— Nills, há uma carta para você! Não precisa desmontar. Irei até aí entregá-la.

O homem chegou junto do caçador e passou-lhe a carta, que Nills enfiou num dos bolsos, para ler mais tarde.

— Escute — sussurrou o cidadão que lhe entregara a carta. — Você precisa acautelar-se, Nills. Corre o boato que um caçador de recompensas foi mutilado por uma de suas armadilhas. Ele e seu companheiro planejam matá-lo!

— Estou inteirado. Que venham! Não vou fugir. Sei que um tal Walter Loy está impossibilitado de tentar, no momento. De qualquer forma um dia virá contra mim, pulando numa perna só.

— Não brinque, Nills! A coisa é muito séria!

— Sei cuidar-me. Obrigado pelo aviso. Agora tenho que tratar de coisas realmente importantes.

Nills tomou todas as providências que havia mencionado minutos antes ao xerife. Jantou no refeitório que havia nos fundos da casa de banhos e chegou ao saloon antes dele. Estava com quase novecentos dólares nos bolsos. Antes de meter-se no jogo, desejava ler a carta que recebera. Sentou-se numa das mesas vagas, evitando ficar de costas para a entrada. Só pretendia visitar Walt dentro de umas três horas.

O remetente era um escritório de advogados de Billings, Montana. Nills pensou até que houvera um engano, mas seu nome estava escrito como destinatário. Abriu a carta e leu:

Prezado senhor Arthur Nills

Lamentamos notificar o falecimento de seu tio Anthony P. Nills, ocorrido nesta cidade há algumas semanas. Fomos constituídos inventariantes de seu legado. O falecido tinha apenas dois herdeiros. O outro é sua prima Alice Nills, com quem já estabelecemos contato.

A herança constitui-se de terras, ouro em barras, apólices de seguros, depósitos bancários e dinheiro, num total de cerca de oitocentos mil dólares.

Uma das cláusulas estipula que se não for encontrado até o dia 21 de dezembro de 1877, será dado como morto e sua parte reverterá para a outra herdeira. Queira apresentar-se em nossos escritórios em tempo hábil.

A assinatura estava ilegível. Nills ficou estupefato. Lembrava-se de seu tio Tony, que partira sem dinheiro de Lander há cerca de vinte anos e nunca mais mandara notícias. Da prima Alice, sequer sabia da existência, mas deduzia que só poderia ser filha de uma outra tia, Dorothy, a quem vira uma única vez e que era irmã do homem que lhe deixava uma verdadeira fortuna.

— Com os diabos! — gritou ele, levantando-se e fazendo a cadeira cair. — Estou rico, pessoal! Acabo de receber uma carta que informa que tenho uma herança de trezentos e cinquenta mil dólares para receber!

— Parabéns, Nills! — gritou o barman. — Não se esqueça dos amigos, quando voltar aqui! Tenho algumas reformas a fazer em minha casa e conto com sua ajuda!

— Uísque para todos! — ordenou Nills, com as faces afogueadas. — Hoje tudo corre por minha conta!

Um amigo de Nills pegou a carta que ele deixara sobre a mesa e começou a ler. Outros vieram cumprimentá-lo, perguntando o que faria com tanto dinheiro. O xerife também o abraçou, dizendo:

— Quero apenas um cavalo decente. O melhor que puder encontrar!

— Pode começar a procurar — afirmou Nills, com o rosto iluminado pela alegria.

— Voltará mesmo para Lander? — indagou Sammy Heston. — Vai estabelecer-se com algum negócio?

— Não pensei ainda no assunto, mas acho que abrirei um entreposto de peles.

— Alto lá! — protestou o dono do entreposto local. — Irá arruinar seu amigo aqui! Invente outra coisa!

— Que tal um hotel decente? — perguntou o segurança do saloon.

— O melhor negócio que existe hoje em dia é uma fábrica de carroças. Há poucas no Wyoming e nenhuma num raio de cento e cinquenta milhas! — garantiu um velho de voz rouca.

— Não vai fazer nada disso! — anunciou alguém, aproximando-se lentamente.

Nills voltou-se naquela direção e pelas vestes deduziu quem era o interpelador. Mesmo assim perguntou:

— Por que não?

— Porque defuntos não se estabelecem, não negociam. Sou James Gibb, amigo de um homem que foi mutilado por uma de suas armadilhas!

Extinguiu-se o clima de euforia. James entrara sem ser percebido e escutou o nome de Nills ser pronunciado várias vezes. Estava disposto a liquidá-lo em seguida.

— Lamento o que aconteceu. Não tive culpa! Foi um mero acidente!

— Meu amigo Walt não encara os fatos dessa maneira. Agora prepare-se para sacar sua pistola e defender-se!

Os frequentadores afastaram-se rapidamente, abrindo espaço para o duelo. Antes que qualquer um dos antagonistas fizesse qualquer movimento, o xerife sacou sua pistola e apontou-a para o peito do caçador de recompensas, dizendo:

— Não vai haver duelo algum, James! Solte o cinturão e deixe escorrer pelos quadris. Vou ficar com ele até o dia em que partir de Lander. Também confiscarei seu rifle. Vamos para a rua. Não o quero respirando o mesmo ar que Nills.

— Isso só vai adiar as coisas — protestou o próprio Nills. — Se tem que acontecer, que seja logo!

— Ele é um caçador de homens, Nills! Certamente é muito rápido no gatilho. Não quero perder. um amigo. Vou levá-lo até a cocheira e recolher também o rifle da bandoleira de seu cavalo — disse o xerife, voltando-se para o dono do armazém. — Você está proibido pela Lei de vender armas ou munição para este homem, entendeu bem?

James foi desarmado e conduzido para a rua. Nills sentou-se numa cadeira, aturdido com a celeridade dos acontecimentos e das novidades. Mal se recobrara das emoções e um de seus amigos, aquele que ficara com a carta, aproximou-se com ela nas mãos.

— Leu a mensagem com atenção? — perguntou ele.

— Sim. Por quê?

— Então sabe que tem apenas uma semana para apresentar-se em Billings e receber a herança. Não tem tempo a perder!

— Esqueci esse detalhe. Nas montanhas nunca me preocupo em saber qual é o dia que estou vivendo...

Despojado de todas as armas e proibido de voltar ao saloon, enquanto Nills lá estivesse, James voltou à pequena clínica onde estava Walt. Contou-lhe o que ocorrera, provocando sua indignação. Informou ainda:

— O canalha não tem metade da orelha esquerda. É muito fácil de identificar. Gostaria de abatê-lo logo, pois deve ser um sujeito cheio de truques, como todo caçador.

— É verdade. Agora que tem uma herança a receber pode mudar-se para longe e nunca mais o veremos. Vou ter que pedir que faça o serviço por mim.

— Como? Com as mãos?

— Não, James. Meu cinturão e os Colt estão guardados naquele armário.

CAPÍTULO SEXTO

Duelo fatal

James Gibb pegou o cinturão e afivelou-o em torno dos quadris. Sorriu, antevendo a possibilidade de liquidar Nills. Walt confiava plenamente nele. Sabia que, em condições normais, deveria ser mais rápido que o caçador das montanhas.

— Não vá perder o duelo ou. ser preso — pediu Walt. — Não tenho outro amigo por aqui.

— Terei cuidado.

— As pistolas devem estar descarregadas, James. Gastei todas as balas disparando na mata para chamar sua atenção.

James carregou os tambores das armas com balas calibre quarenta e cinco. Walt comentou.

— Lamento não poder assistir ao lance. Qualquer movimento com a perna me provoca um formigamento doloroso.

— Além disso, não ficaria bem circular pela cidade com esse camisolão branco que lhe vestiram. Está sendo bem tratado porque temos dinheiro para pagar adiantado todos os serviços. Nossas economias estão seguras comigo. Agora, deseje-me boa sorte. Chegou o momento de agir!

— Está bem. . . murmurou Walt, com voz débil. — Vá logo, pois o idiota pode viajar a qualquer momento para Billings onde tem a tal herança esperando por ele.

O xerife estava ausente do saloon, quando James voltou para lá. Desde que regressara da área de caça de Nills, ainda não havia tido tempo para uma refeição, pois estivera tratando de vários assuntos pendentes, deixados à responsabilidade do auxiliar e que não haviam sido solucionados. Naquele momento, jantava no refeitório detrás da casa de banhos.

A chegada de James, armado, contrariando as ordens do representante da lei, provocou inquietação no saloon. Suas intenções eram evidentes.

Na mesa em que Nills se sentara, rodeado de amigos e interesseiros, alguém advertiu:

— Nills, acho que terá que vencer certas barreiras antes de ir a Billings receber a herança.

— Terá que sobrepor-se à uma força hostil — comentou Sammy Heston.

— Já percebi — afirmou Nills.

— Se for forçado a duelar, faça-o na rua — pediu o dono do saloon. — Aqui dentro poderiam acertar um inocente.

James ficou parado três passos além da porta de vaivém por quase um minuto. Depois seguiu para o balcão e pediu uísque. Em seguida ao longo trago que engoliu, o caçador de recompensas caminhou lentamente até junto de Nills, que o encarava, sem demonstrar medo.

— Deve saber porque voltei... bem, acho que chegou sua hora — afirmou James.

— Ou a sua — retrucou Nills, levantando-se.

— Lá fora, senhores, por favor — pediu Sammy Heston, erguendo-se também. — Há mais espaço e é mais seguro para quem não tem nada a ver com seu desentendimento.

Os duelantes caminharam para a rua, seguidos de todos os frequentadores do saloon. Ninguém desejava perder o espetáculo.

Nills e James caminharam para o centro. A verdadeira intenção do dono do saloon, ao deslocar o duelo para um local mais escuro, era facilitar as coisas para seu amigo caçador. Ele, certa vez, lhe dissera que a longa permanência nas Rochosas, onde frequentemente era forçado a atuar em plena escuridão, havia desenvolvido nele a capacidade de enxergar melhor quando a luz era escassa. Comparara-se a uma coruja, quando falara no assunto. Na rua havia menos luminosidade que no saloon.

— Aqui é um bom lugar — afirmou Nills. — Estou pronto, forasteiro! Saque quando quiser. Apenas lamento ter que matar uma pessoa que não odeio e cuja pele não poderei esfolar.

Havia uns cem espectadores no duelo. Distribuíam-se pelas calçadas de madeira. No último instante, antes que sacassem, o xerife despontou correndo, com a pistola na mão. Estava há uns vinte passos de onde se travaria a luta, quando os oponentes moveram as mãos ao mesmo tempo para sacar.

[ames foi uma fração de segundos mais rápido que Nills. Disparou primeiro. A bala passou sibilando sob a axila esquerda do caçador das

Rochosas. Este revidou ao disparo e foi mais feliz. Acertou o tiro no centro do peito de James, que rodopiou no ar, caindo de joelhos, sem largar a pistola.

— Acabe com ele, Nills! — gritou o segurança Dustin Monory, vendo [ames, mesmo ferido de morte, juntando as últimas forças para virar o cano do Colt contra Nills.

O impasse angustiante mobilizava a todos os que acompanhavam os lances. Nills hesitava em abater James caído de joelhos à sua frente. Se não o fizesse rápido, o caçador de recompensas iria acabar levando-o junto para o além.

As mãos de James tremiam, segurando a coronha da arma, tentando volver o cano contra Nills, quando recebeu na cabeça a segunda bala por ele disparada. Tombou morto, largando a pistola.

— Quem lhe deu essa arma? — perguntou o xerife, examinando o cadáver de James.

Ninguém respondeu. Nills permanecia de pé. Sua pistola pendia ao longo da perna com o cano voltado para o chão, fumegante. Não gostara de ter sido forçado pelas circunstâncias a agir daquela maneira.

— Ele está morto — afirmou o xerife, confirmando a impressão de todos os presentes.

— Não pude evitar. Você sabe muito bem — murmurou Nills. — Agora só resta enterrá-lo.

— Com licença, conterrâneos — disse o agente funerário da cidade, abrindo caminho no círculo humano que se fechara em torno do morto.

— Preciso tirar as medidas do cadáver para ter tempo de fazer um bom caixão e enterrá-lo pela manhã. Xerife, quem pagará as despesas?

— Talvez o defunto, se houver dinheiro suficiente em seus bolsos — respondeu a autoridade.

O xerife começou a revistar os bolsos do morto. De cada um deles retirava um pacote de notas. A multidão dissolvia-se. Ficaram apenas umas vinte pessoas surpresas pela grande quantidade de dólares que o representante da lei colocava ao lado do cadáver.

— Ele levava muito dinheiro consigo! — murmurou Dustin Molory, coçando a cabeça. — Que vai fazer com tudo isso?

— Entregarei ao companheiro dele — afirmou o xerife, começando a contar os dólares.

— O serviço funerário custará dezessete dólares — anunciou o papa-defuntos. — Acho que o falecido não irá pechinchar.

— Seis mil e oitocentos dólares — concluiu o xerife, arredondando a conta. — É dinheiro honesto e ao mesmo tempo sujo. Mas estará à disposição de Walt, quando sair daquele leito.

Todos os que haviam escutado aquela afirmação sabiam que se cumpriria. O xerife era um homem muito respeitado por sua honestidade. Depois de despojar James do que tinha nos bolsos, ele entregou o cadáver para o agente funerário levar.

— Talvez fosse melhor dar a notícia para Walt agora mesmo, se estiver em condições de entender as coisas — comentou a autoridade para Nills, que ainda permanecia no local.

— Gostaria de ir junto — pediu o caçador das Rochosas. — Preciso dizer algumas palavras ao ferido.

— Não me oponho. Vamos agora.

Caminharam direto para a clínica. Conversavam no trajeto. Trocavam impressões sobre os últimos acontecimentos:

— Gostaria de saber quem forneceu armas a James para enfrentá-lo. Iria trancafiá-lo no xadrez — garantiu a autoridade, bastante aborrecida.

— Onde ficou o cinturão do amigo dele?

— É isso! — disse o xerife detendo-se. — Agora está explicado! Bem... acho que não vou fazer nada contra Walt. Ele já está sofrendo muito.

— Já teve tempo para recuperar-se. Sofreu a amputação há dois dias. Muita coisa aconteceu nesse meio tempo...

— Tem razão. Houve tempo de preveni-lo e talvez com isso forcei sua vinda a Lander, o que possibilitou a você receber a tal carta referente a herança — comentou o xerife, para valorizar a façanha.

— Bem a tempo! Terei que partir para Montana amanhã e precisarei viajar rápido para não perder a herança. Gostaria que me orientasse nesse sentido.

— Claro. Depois que falarmos com Walt iremos a meu gabinete. Estudaremos nos mapas quais são as conduções ideais para uma viagem rápida até Billings e que tipo de condução será mais adequada, onde deverão ser feitas as baldeações ...

Chegaram finalmente à clínica que o médico mantinha nas dependências de sua casa e caminharam até o quarto que Walt ocupava.

— Walt! — chamou o xerife, na penumbra. — Está acordado?

— Sim. Que quer aqui? — perguntou ele, com o rosto refletindo inquietação.

— Você está com azar. Acaba de perder um amigo! James está morto — informou secamente o guardião da lei.

Walt ajeitou-se melhor no leito. Pediu que o xerife aumentasse a chama do lampião, para que houvesse mais luz. Seu pedido foi imediatamente atendido. Nills retirou o chapéu naquele mesmo momento e a orelha semi-decepada ficou bem à vista.

— Já sei como aconteceu — murmurou Walt, encarando Nills com ódio e arrogância.

— Como pode saber? — perguntou o xerife.

— James me contou sobre a orelha desse canalha que está na minha frente! Como saiu daqui com a intenção de matá-lo, não ficou difícil concluir que foi buscar lã e saiu tosquiado.

— Nills — disse o xerife, voltando-se para ele. — Você estava certo quanto à procedência daquele cinturão com as pistolas...

— Tem razão. Quero-as de volta logo que puder mover-me! Que fez com o dinheiro que James carregava?

— Está guardado comigo. Poderá recuperá-lo em meu gabinete, junto com as armas, quando partir de Lander.

Nills aproximou-se um pouco mais da cama e disse:

— Walt, dentro de pouco tempo serei um homem rico. Tenho uma herança a receber...

— Em Billings, Montana — interrompeu Walt, com um sorriso frio.

— Está bem informado — voltou a falar Nills. — Ê isso mesmo. Pretendo voltar para Lander e estabelecer-me com algum negócio. Quero ajudá-lo de alguma forma... posso imaginar como se sente.

— Garanto que não! Se você não existisse, ainda teria o corpo perfeito e meu único amigo estaria vivo.

— Infelizmente já aconteceu. Não podemos voltar ao passado. Quero que entenda que não tive culpa do que lhe aconteceu com aquela armadilha. Você teve um azar enorme! Milhas e milhas, de selva e você escolhe justamente um ponto em que há uma armadilha para passar...

Walt virou o rosto para a parede. Nills tocou em seu ombro e continuou argumentando:

— Não quero encontrar um inimigo quando regressar a Lander com minha herança. Principalmente se ele premedita matar-me pelas costas, como você declarou a meu amigo xerife.

— Nada que diga irá mudar essa idéia! — afirmou Walt, desinteressado.

— Não será mais um bom caçador de recompensas — garantiu Nills. — Aceite minha oferta, esqueça o que passou e torne-se meu amigo! Posso comprar um pequeno rancho para você. Conseguirá achar uma boa mulher, terá filhos, cavalos, reses...

— E metade de uma perna a menos — disse amargamente Walt, voltando a encarar o caçador das Rochosas. — Quer comprar minha consciência?

— Estou tentando evitar ter que matá-lo! — afirmou Nills, irritando-se.

— Vamos embora daqui amigo! — chamou o xerife. — Ele parece que não quer entender as coisas! Não tem fibra suficiente para viver com uma mutilação. Esperemos que tenha refrescado um pouco mais suas ideias, quando puder saltitar para fora desse leito!

Aborrecidos, o xerife e Nills saíram da clínica e caminharam para o gabinete do primeiro.

— E agora? Que pretende fazer quando voltar a Lander?

— Não sei — respondeu Nills. — Espero que Walt já não esteja aqui.

— Gostaria de prendê-lo, mas não cometeu crime algum. Entretanto poderei expulsá-lo como indesejável. Tenho autoridade para isso.

— Ao menos não precisarei temer um ataque na desolação das montanhas, pois não voltarei às cabanas — comentou Nills. — Deixarei algum dinheiro para você alugar uma carroça e pagar a alguém que possa recolher as armadilhas. Farei um bom mapa sobre a localização de cada uma delas. Assim não haverá acidentes.

Chegaram ao escritório do xerife. Este pegou dois mapas, um sobre o território de Montana e outro sobre o Wyoming. Descobriram que a distância que separava Billings de Lander ultrapassava quatrocentas milhas.

— Terá que viajar na próxima diligencia até Sheridan, na fronteira do Wyoming com Montana. Será mais rápido do que se cavalgar até lá Em Sheridan, tomará um trem até Bowler, onde baldeará para outro, que o levará a seu destino.

— Escreva tudo em um papel. É muito com-. plicado para reter aqui — disse Nills, batendo com o polegar na têmpora.

CAPÍTULO SÉTIMO

Sangrentas providências

Alice Nills, a outra herdeira, já estava em Billings. Fora convocada bem antes do primo de Lander. Era órfã, como ele. Viera de Libby, no norte de Montana, com o noivo, Teton Lodge.

Alice estava totalmente submetida à personalidade do noivo. Era uma mulher de uns vinte e cinco anos, cheia de vigor e vitalidade. Sua beleza era suave como as ondas aneladas de seus cabelos cor de mel. Tinha corpo esguio e bem torneado.

Lodge era moreno, alto e magro. Usava um bigode fino, acompanhando a linha dos lábios. Vestia-se com esmero e era quem cuidava dos interesses da noiva. Na verdade, era um espertalhão e não amava Alice. Apenas preocupava-se em extrair tudo o que ela lhe pudesse oferecer.

Ao contrário do primo Arthur Nills, Alice sempre soube que seria herdeira de uma parte substancial da fortuna do tio. Ele a sustentava, enviando de Billings para Libby uma boa quantia de dólares, mensalmente. Às vezes ia até onde vivia Alice, a quem apreciava muitíssimo. Foi uma surpresa para ela e Lodge saber que havia outra pessoa tão bem aquinhoada quanto ela na partilha dos bens do velho Anthony Nills.

O domínio que Lodge exercia sobre a herdeira era absolutamente total. Ele sufocava os bons instintos dela, transformando-os em algo maligno Os escrúpulos e a ética moral de Alice deturparam-se, transformando-a numa criatura fria e má.

Na verdade, o casal estava planejando livrar-se de Arthur Nills, o caçador solitário das montanhas. Caso ele não chegasse à Billings em seis dias, toda a fortuna passaria às mãos de Alice. Ela se mostrava pérfida quando recebeu, junto com o noivo, a visita de um pistoleiro profissional. Ele entrou pela porta dos fundos da mansão de Anthony Nills.

— Sou Guy Fister — disse o pistoleiro, vestido de negro dos pés à cabeça. — Viajei cem milhas a cavalo para atender seu chamado.

— Sente-se, Fister — disse Lodge. — Precisamos discutir alguns detalhes de sua missão.

— A quem devo matar e quando? — indagou o pistoleiro, numa confortável poltrona da sala de estar.

— Um parente meu — respondeu Alice. — Arthur Nills é o seu nome. Não o conheço e nem pretendo.

— Onde está ele agora? — perguntou Fister. — Digam e irei liquidá-lo imediatamente, caso cheguemos a um acordo a respeito do preço do serviço.

— Está à caminho de Billings, vindo de Lander, Wyoming — respondeu Lodge. — Desejamos que não chegue vivo aqui. Diga quanto quer pelo trabalho.

— Querem que o pegue em viagem?

— Justamente — afirmou Alice. — Mate-o de uma forma limpa, sem causar-lhe grandes sofrimentos. Provoque um duelo ou coisa assim. Você deve saber como fazê-lo.

— Como vou reconhecê-lo? — indagou o pistoleiro, mascando um pedaço de fumo.

— Meu tio Tony disse certa vez que meu primo não possui um pedaço em uma de suas orelhas — respondeu Alice. — Isso facilitará sua identificação.

— Vamos estudar nos mapas a rota de Arthur Nills — convidou Lodge. — Descobriremos o ponto ideal para você interceptá-lo.

— Falemos sobre dinheiro antes — sugeriu o pistoleiro. — Vocês enviaram uma carta com duzentos dólares para mim, afirmando que poderia ganhar muito mais se aceitasse um determinado trabalho. Sou um matador profissional. . . logo, tratava-se de liquidar um cidadão. Tudo isso foi confirmado. Resta saber quanto estão dispostos a pagar.

— Dois mil dólares — ofereceu Alice. — Acha pouco?

— Isto, agora, como adiantamento. Quero outro tanto quando o tal Nills estiver morto. Ou então, nada feito!

— Que acha, Lodge? — perguntou Alice, preocupada.

— Eu concordo. Antes de sair, receberá a primeira parte do pagamento.

— Sendo assim, passemos aos mapas — disse o pistoleiro, abrindo um sorriso.

O estudo da rota provável de Nills mostrou duas ou três alternativas, mas havia um ponto comum. Por qualquer uma delas, a maneira mais racional de chegar rapidamente a Billings seria utilizar os trens de Union Pacific Railroad.

— Qualquer que seja a forma utilizada por minha futura vítima, ela terá que. passar por Bowler. Será estúpido demais se tentar continuar a viagem por outro meio, além do trem — garantiu Fister, prosseguindo: — Passaria por uma região de tribos Sioux e agora eles não estão muito amistosos para com os brancos. Espero poder reconhecer o tal Nills quando estiver passando por Bowler. Com sorte embarcarei no mesmo vagão e quando surgir a oportunidade, eu o eliminarei.

— Se houver possibilidade, atire o corpo na via férrea — recomendou Lodge, fechando o mapa.

— Querido! — repreendeu Alice. — Não precisa ser sanguinário!

O matador saiu dali logo depois, levando nos bolsos dois mil dólares de adiantamento pelo crime encomendado. Alice manifestou uma preocupação que a inquietava desde que Fister exigira o dobro da quantia que ela planejava pagar.

— Aqueles dois mil dólares eram minhas últimas economias. Talvez o pistoleiro fique inquieto com a demora do pagamento da segunda parte. Terá que esperar que eu receba a herança e isso pode levar alguns dias ainda...

— Não se preocupe. Em Billings todos sabem que temos... que você tem — corrigiu Lodge —, uma fortuna a receber. Qualquer banco da cidade lhe emprestará cinco, dez, até cem mil dólares. Mas não é exatamente essa a solução do problema com o pistoleiro. Terei que matá-lo, Alice. Ele sabe demais. Pode tentar chantagear-nos.

— Faça como quiser. Prefiro ignorar todas essas sangrentas providências...

* * *

A diligência partiu celeremente de Lander, levando Nills, entre outros passageiros, no início da manhã. O herdeiro da grande fortuna concordava com o xerife quanto a maior rapidez da diligência em relação a uma simples montaria. A parelha de seis cavalos dividia o esforço de tração e mantinha

velocidade constante. Antes que ficassem esgotados, eram substituídos por outros e mais outros, nas muitas paradas para mudas espalhadas por todo oeste pela Wells & Fargo. Sempre rodava com cavalos descansados. Isso não aconteceria caso Nills cavalgasse até Boulder. O animal não só estaria impossibilitado de manter uma marcha acelerada constante, como seu cansaço suscitaria muito mais paradas para descanso.

Durante todo o dia o veículo rodou pelo norte do Wyoming, chegando a Worland, onde os passageiros desembarcaram e foram hospedar-se numa estalagem para prosseguir viagem no dia seguinte. Nills não admitia viajar sem o fiel cão Job, que sempre o acompanhava a toda parte, exceto os saloons. Nessas ocasiões o caçador costumava deixá-lo amarrado no estábulo.

Job viajou no teto da diligência, atado por uma corda às bagagens. Não criou nenhum problema para os demais passageiros. Foi alimentado somente quando chegaram a Worland. Seu dono visitou rapidamente o saloon mais próximo da estação de diligências e depois rumou para a estalagem, pois estava extenuado.

Na manhã seguinte a viagem prosseguiu. O destino da diligência era Sheridan, distante vinte milhas da fronteira com o território de Montana. Apenas a paisagem mudou, repetindo-se a monotonia da primeira parte da viagem. Já não havia tanta vegetação e a diligência rodava então, na maior parte do tempo, à beira de profundos abismos das encostas das Montanhas Rochosas. Circulava em velocidade menor, porque seguia por aclives que levavam a regiões ainda mais elevadas.

* * *

Fister, por seu turno, também fizera uma viagem. Não fora tão exaustiva como a que Nills recém encetava. O matador embarcara num trem em Billings, desembarcando em Bowlder, ainda no território de Montana.

Alugou um quarto num hotel próximo à estação e informou-se dos horários dos trens vindo do sul. Queria estar na estação em todas essas ocasiões.

Menos de uma hora depois chegou o Expresso das Rochosas. Era constituído por vagões de passageiros de primeira classe e não se detinha

em todas as estações da região, fazendo-o apenas nas cidades mais populosas. Fister percorreu os vagões de ponta a ponta, como se fosse um passageiro recém-embarcado, à procura de um lugar para acomodar-se. Não viu nenhum homem com parte de uma das orelhas decepadas e retornou ao hotel, decidido a vistoriar todos os trens que parassem naquela estação.

* * *

A diligência chegou a Sheridan ao cair da noite. Era o dia 16 da dezembro de 1877. A cidade era a maior da rota, excluindo Billings. Nills sabia disso e decidiu, apesar do cansaço, circular por ela antes de recolher-se a uma estalagem ou hotel com o cão. Ele retirou o animal do bagageiro da diligência e saíram pela cidade, sem destino. Duas horas depois, comprou passagens para si e para Job no trem que partiria na manhã seguinte para Bowlder. O cachorro teria que viajar no vagão de carga.

O penúltimo trecho da viagem foi mais agradável que os primeiros. Nills ocupava uma poltrona no vagão de primeira classe e usava vestes novas, recém-adquiridas no armazém, antes do embarque. Comprara um novo cinturão e um chapéu de copa alta. Sentia-se como se já estivesse de posse da herança.

Após seis horas de viagem chegou a Bowler, que era um entroncamento ferroviário. Dali aquele trem seguiria para oeste e seu destino era o norte. Teria que aguardar outro, que o levasse a Billings. Ao descer os degraus para a plataforma cruzou com Fister, mas o chapéu de copa alta impediu que o matador o identificasse.

Fister percorreu os vagões rapidamente, em vão. Voltou para a estação e já estava disposto a regressar ao hotel quando avistou Nills fazendo o cão desembarcar do vagão de carga. O vento frio arrancou o chapéu do caçador. Naquele momento ele foi reconhecido.

O pistoleiro passou a acompanhá-lo. Viu quando se dirigiu ao guichê e postou-se às suas costas para ouvir o que dizia:

— Preciso de uma informação — falou Nills ao bilheteiro. — Quando parte o próximo trem para Billings?

— Depois de amanhã, ao meio-dia — informou o homem.

Nills começou a fazer contas nos dedos e descobriu que ainda assim chegaria a seu destino a tempo de receber a herança. Estaria em Billings dia

18, à noite, segundo concluiu.

— Dê-me duas passagens. Uma para mim, outra para meu cão, que poderá viajar no compartimento de carga.

— Lamento dizer que está enganado. O cachorro não poderá viajar no Expresso das Rochosas. Ele não leva vagão de carga. É uma norma!

— Quero então somente uma passagem. Ainda não sei como, mas levarei Job comigo, nesse trem!

— Não conseguirá — afirmou o bilheteiro.

Aquele era um problema que Nills considerava bastante sério. Decidiu adiar sua solução para mais tarde. Caminhou até o hotel onde estava hospedado também o matador, sempre acompanhado por Job.

— Quero hospedagem. Para mim e para o cão — disse Nills, logo que chegou à portaria.

— Não admitimos animais aqui — respondeu o dono do hotel, sem levantar o olhar do livro de registros.

— Pago vinte dólares para abrigá-lo apenas por duas noites — insistiu Nills.

Fister o acompanhara até o hotel sem ser percebido. Por sua mente desfilavam uma série de alternativas sobre como matá-lo, mas ele ainda não se decidira por nenhuma.

— Nada feito, forasteiro. Creio que terá que dormir no estábulo, se deseja tanto a companhia do maldito cão.

— Não fale assim de Job! Pode irritar-me!

— O que faria se eu dissesse que sua presença aqui também não está sendo bem aceita?

— Acho que vai se dar mal, hoteleiro! Se não retirar o que disse de Job, vou quebrar aquele lustre a tiros!

Fister percebeu no impasse uma boa oportunidade para liquidar Nills. Bastaria tomar o partido do hoteleiro e obteria um excelente pretexto para alvejá-lo.

— Caso tente, é bom que saiba que tenho uma carabina apontada para você, por baixo do balcão!

O xerife da cidade residia no hotel. Naquele momento deteve-se no meio da escadaria que descia, vindo do segundo pavimento.

Nills sacou rapidamente da pistola, ao mesmo tempo que empurrava o hoteleiro para trás. Este apertou o gatilho da carabina e fez um rombo no

balcão, sem, no entanto, atingir o forasteiro. Nills engatilhou a pistola, com os olhos esbugalhados de indignação. Ia abater o desafeto, para alegria de Fister, que só esperava algo parecido para matá-lo pelas costas.

— Não se mova, forasteiro! Você está preso!

O xerife aproximou-se, com sua pistola igualmente engatilhada. Inteirou-se melhor do que acontecia e decidiu ser brando e magnânimo em sua punição.

— Também possuo um cão e compreendo sua irritação. Vou somente exigir que saia da cidade imediatamente.

— Escute, xerife. . . tenho uma vultosa herança para receber em Billings — disse Nills, expondo a situação, em seguida. — Preciso pegar o Expresso das Rochosas para chegar lá a tempo.

— Está bem. Você me convenceu. Vou arranjar um bom lugar para hospedar-se com o cão, enquanto espera: o xadrez! Venha comigo!

Desolado, Fister percebeu que acabara de perder várias chances de matar Nills durante sua permanência em Bowlder. Teria que fazê-lo no Expresso das Rochosas.

CAPÍTULO OITAVO

Perigo crescente

Naquele mesmo dia Fister telegrafou aos contratadores em Billings relatando o que ocorrera em Bowlder e prometendo providências que seriam tomadas em prazo útil. O texto era claro e ao mesmo tempo insuspeito:

Nills detido pela Lei dois dias aqui. Viajaremos Expresso Rochosas. Cuidarei bem dele a) Fister.

O herdeiro e o cão Job ocuparam uma das celas da cadeia de Bowlder até apenas meia hora antes da chegada do Expresso. O xerife local os tratava com brandura, pois percebera que Nills não era um homem de má índole. A autoridade, entretanto, era daquele tipo de gente que preferia evitar o delito a ter que tomar providências posteriores, não confiando nem mesmo em sua capacidade de julgar a periculosidade das pessoas.

Sem grandes ressentimentos, Nills recuperou a liberdade na ante-véspera do esgotamento do prazo que tinha para comparecer a Billings e assumir sua parte na herança. Ele seguiu direto para a estação, onde Fister o esperava. Até então o herdeiro não havia concebido nenhum estratagema para embarcar o cão. Esperava ter algum lampejo quando o trem finalmente chegasse.

O Expresso das Rochosas finalmente chegou. Fister observava a curta d:stância todos os movimentos do homem que desejava liquidar. Ele também não tinha um plano definido de ação pois ignorava quais seriam as condições que se configurariam durante a viagem.

Nills percebeu que a composição não era formada exclusivamente de vagões de primeira classe como lhe havia informado o bilheteiro, dois dias antes. Havia também o vagão-restaurante e um outro, com cabinas fechadas. Não foi preciso raciocinar muito para concluir que naquelas cabinas teria maior privacidade e que o cachorro poderia viajar incógnito ali. Rapidamente ele correu ao guichê de passagens e pediu:

— Uma cabina para Billings.

Nem cogitou de trocar a passagem que possuía, para não despertar a atenção do bilheteiro, que era o mesmo que o atendera anteriormente. Talvez ele desconfiasse de suas intenções. A cinco metros dali semioculto por uma reentrância da parede, Fister espionava.

O caçador das Rochosas contornou o trem e embarcou rapidamente pelo outro lado, seguido pelo cão. Localizou sua cabina e nela penetrou com Job, sem serem vistos por ninguém, além de Fister. Dois ou três minutos depois, um sino repicou na estação e o maquinista fez soar o apito da locomotiva.

A cabina era confortável. Tinha cama beliche e Nills fez com que Job ocupasse o leito superior, cobrindo-o com uma manta. Trancou hermeticamente a porta e só descerrou a cortina da janela quando o trem partiu.

Fister estava satisfeito com a providência de sua virtual vítima. Facilitaria bastante seu trabalho. Concluiu que poderia liquidá-la dentro da cabina com um mínimo de ruído, caso tivesse a chance de envolver o cano da pistola assassina com uma manta.

O expresso gastaria sete horas para chegar a Billings. Atingiria seu destino ao anoitecer. Fister preferiria que já fosse noite quando levasse à cabo sua missão. Assim, caso fosse necessário escapar rapidamente, ele teria na escuridão uma possibilidade maior de fuga. Decidiu aguardar quando estivessem próximos de Billings.

As horas passaram. Celeremente, parando em poucas estações, o Expresso das Rochosas varava planaltos, vales, atravessava pontes, subia íngremes colinas e descia declives. Em sua cabina, Nills cochilava, seguro de que seus problemas haviam finalmente terminado. O cabineiro bateu suavemente na porta, duas horas após seu embarque.

— Bilhetes, por favor — pediu ele. — Quantas pessoas viajam na cabina?

— Viajo sozinho — respondeu Nills, abrindo a porta e entregando a passagem para conferência.

— Tudo bem — murmurou o cabineiro. — Boa viagem, senhor.

Nills voltou ao leito e conseguiu dormir por quase todo o resto da viagem. Sonhava com a vida folgada que iria ter. Tinha planos de comprar terras a cinco milhas de Lander, onde não houvesse vizinhos. Montaria um

negócio lucrativo na cidade e lá iria apenas nos fins de semana. Talvez até se casasse, caso encontrasse uma mulher ao mesmo tempo decente e bonita.

Fister decidiu entrar em ação. Faltava menos de uma hora para chegar a Billings. Se fosse forçado a desembarcar após o crime, saltando da composição em movimento, não estaria muito longe da cidade e em pouco tempo contaria com o manto protetor da escuridão noturna. Ele dirigiu-se ao vagão das cabinas, pronto para cumprir sua missão homicida.

O matador se deteve diante da porta da cabina ocupada por Nills. Deu duas batidas suaves, com os nós dos dedos. Aquilo despertou o caçador de seu sono.

— Quem é e o que deseja?

— Preciso conferir seu bilhete e acrescentar um carimbo a ele, para que possa desembarcar na próxima estação. Sou o chefe do trem — mentiu o pistoleiro, profissional.

Nills saltou da cama, satisfeito com a informação que acabara de receber. Abriu a porta da cabina, com um sorriso nos lábios e o bilhete na mão. Deparou com o cano negro de uma pistola apontado.

— Recue, amigo! Temos um assunto a discutir — disse o matador, com olhar frio.

— Chama de amigo a um homem para quem aponta uma pistola? — perguntou Nills, recuando dois passos.

Fister engatilhou a arma, sempre mantendo o cano dirigido para a cabeça do caçador. No leito superior, ainda encoberto com a manta, Job levantou a cabeça que apoiava nas patas dianteiras.

— Que quer de mim, desconhecido? Por que me aponta esse Colt?

— Isto é apenas um assalto. Vire-se para a parede, pois vou revistá-lo.

Sem outra alternativa Nills voltou-se, dando as costas para o invasor. Fister decidiu liquidá-lo imediatamente. Pegou a manta que recobria Job com a ponta dos dedos e puxou-a num repelão. O cão rosnou e saltou sobre. ele. Era o que Nills esperava para reagir.

A ação do cachorro foi tão inesperada para Fister que ele caiu de costas com o pesado animal por cima, soltando a pistola, que só não disparou porque caiu sobre um travesseiro.

— Largue-o, Job! — ordenou secamente seu dono.

O cão recuou, rosnando, todo eriçado, ameaçador. Nills saltou sobre o pistoleiro caído, entrando em luta corporal com ele. Rolaram pelo exíguo

espaço, enquanto Job atacava, rosnando e mordendo. Fister começou a ser dominado pelo homem a quem desejava matar. Este conseguiu montar em seu peito, enquanto o cão lhe mordia os braços. O pistoleiro tentou sacar uma faca que mantinha numa bainha colada à espinha. Ia conseguindo, mas o cachorro abocanhou seu pulso. Mesmo assim, ele cortou o focinho de Job.

Nills, dominado pela ira, envolveu o pescoço do matador profissional com seus dedos fortes. Apertou vigorosamente e não afrouxou a pressão. Fister conseguiu esmurrar seu rosto duas vezes, resistindo. O oponente, tentando estrangulá-lo, bateu com sua cabeça no chão várias vezes. Aos poucos, o pistoleiro perdeu as forças, esmorecendo. Nills continuou estrangulando-o por mais uns dez segundos, até que o invasor da cabina ficou completamente inerte.

Suado e ofegante, Nills ergueu-se. Sentou-se no leito inferior do beliche e ficou por alguns momentos recobrando o fôlego. O cão permanecia vigilante. Depois, Nills aproximou-se de Fister, e verificou que o matara.

Preocupado com a repercussão dos ruídos da luta, ele abriu a porta da cabina e foi espiar o corredor. Tudo parecia tranquilo e ele até se surpreendeu. Ignorava que as cabinas ao lado da sua estavam vazias. Na verdade, além daquela, só havia duas cabines ocupadas e ficavam no outro extremo do corredor do vagão.

Fechou a porta e voltou a sentar-se, estudando a situação. Concluiu que talvez o xerife de Billings não acreditasse em sua palavra quando dissesse que defendera-se de um assaltante perigoso. Decidiu não se arriscar. Abriu a janela e atirou o cadáver para fora do trem.

Nills desembarcou em Billings cerca de meia hora mais tarde. Ele o fez pelo lado oposto à plataforma. Sua prima, Alice, e Teton Lodge, também estavam na estação. Com grande ansiedade procuraram vislumbrar o rosto de Fister na multidão. Não puderam entender por que ele não desembarcara. Voltaram para a mansão numa charrete, debatendo a questão.

— Talvez meu primo ainda esteja preso em Bowlder — comentou Alice. — Nesse caso, a qualquer momento receberemos notícias.

— Ele não desembarcou. Isso não é normal! — afirmou Lodge. — Pode ter acontecido algo desastroso! Fister pode ter falhado e se isso for verdade, é possível que seu primo tenha desembarcado incógnito.

— Só o tempo dirá. Não nos resta fazer outra coisa senão esperar. Meu primo Arthur é um completo desconhecido para mim. Não sei como é sua aparência. A orelha decepada é a única indicação que tenho para identificá-lo.

Nills alugou um quarto no primeiro pavimento de uma hospedaria e pouco depois fez o cão pular pela janela, abrigando-o consigo. Pouco depois saiu para alimentar-se e trouxe uma refeição para o animal. Conseguiu também uma garrafa de água e encheu o chapéu para que Job bebesse. Considerava aquele cachorro seu melhor amigo.

Na manhã seguinte, apresentou-se no escritório de advogados que tratava da herança. Tinha nas mãos o envelope com a carta que lhe haviam enviado. O endereço do destinatário estava correto.

— Entre senhor Nills — convidou um dos titulares do escritório, mostrando-se bastante gentil. — Vamos tratar desse assunto com meus colegas, no gabinete.

Pediram que se sentasse e em seguida se identificasse. Nills entregou-lhe os documentos que possuía.

— São terras, gado, algumas barras pequenas e objetos de ouro, duas apólices de seguros, ações de empresas da região, depósitos bancários e dinheiro — disse um dos advogados. — Tudo somado vale exatamente setecentos e oitenta mil dólares.

— Quando poderei receber minha parte?

— Creio que amanhã entrará em posse de seus bens, senhor Nills — falou outro advogado. — Há também uma boa propriedade na cidade, que sua prima já ocupou. Faz parte do espólio de Anthony Nills.

— Disso tudo eu já tinha noção. Como devo proceder para transformar em dinheiro a minha parte do ouro, das terras e dos papéis?

— Podemos ajudá-lo nisto também. Em poucos dias colocaremos tudo no mercado. Mais alguma dúvida? — perguntou o primeiro advogado.

— Acho que vou até a mansão, onde está minha prima. Segundo penso, tenho tanto direito a habitá-la quanto ela.

— Não se preocupe. A vivenda é bastante grande para ambos.

Nills saiu, contente. Atravessou a rua e alugou uma charrete. Pretendia chegar à mansão de que era coproprietário em grande estilo. Passou pela hospedaria, foi ao quarto que ocupava e abriu a janela, para que Job pudesse

— Bom-dia — cumprimentou Lodge, surgindo inesperadamente por trás de ambos. — Vejo que seu primo finalmente chegou.

— Sou Arthur Nills — disse ele apertando as mãos do outro. — E você, quem é?

— Teton Lodge, noivo de Alice.

— Querido, ele estava me contando um assalto que quase sofreu no trem. Foi forçado a matar o criminoso!

— E o que aconteceu depois? — indagou Lodge, percebendo que Fister era a vítima.

— Atirei o cadáver pela janela. Estava vestido adequadamente para escapar na escuridão, de negro desde as botas ao chapéu. Mais parecia um pistoleiro.

— Teve sorte, Arthur — falou o noivo de Alice. — Podia ter morrido.

— Meu cão me salvou. Está agora no jardim. Mas não me chame de Arthur. . . meus ouvidos não estão acostumados. Todos em Lander tratam-me por Nills.

— Eu também sou uma Nills! — protestou Alice. — Você age como se fosse proprietário do nome!

Nills ficou quieto. Percebeu que até as cortinas da mansão seriam alvos de disputa com Alice.

— Gostaria de ter um quarto para mim e acomodar meu cachorro em algum lugar confortável.

Alice entregou o cão a um serviçal para que o lavasse e escovasse, já que o odor que expelia feria sua sensibilidade. Nills emitiu comandos ao cachorro e ele acompanhou pacificamente a mulher que se propunha a cuidar dele.

— Agora pode subir para o outro pavimento, primo. Os três quatros da esquerda estão vagos. Acomode-se no que mais o agradar e desça para continuarmos a conversa interrompida.

Logo que Nills subiu as escadas, Alice e Lodge começaram a tramar.

— Sem comentários, Alice! Temos que ser objetivos. Leve-o ao Campo de Duelos, ao entardecer. Cuidarei do resto. Ele voltará morto de lá.

— Os duelos costumam ser no fim da madrugada...

— Esse será por volta das onze horas da manhã. Vou arranjar tudo o que necessitarei em poucos minutos.

CAPÍTULO NONO

Atentados

— Onde está Lodge? — perguntou Nills, dez minutos após sua partida.

— Foi fazer algumas compras no armazém da cidade. Deixou a charrete. Quer conhecer a cidade.

— É uma idéia interessante, mas desejo levar o cão no bagageiro.

— Tudo bem, primo..., mas por que tanto amor por um simples animal?

— Salvou-me a vida várias vezes e está sempre junto de mim, mesmo nas horas de grande perigo. Nas noites geladas, Job derme comigo e as faz mais suportáveis, com seu calor.

— Acho que deve trocar o cachorro por uma mulher. Elas não só aquecem os leitos, como também fazem coisas incríveis...

— Quem sabe, um dia...

Circularam por toda a cidade, que não havia muito para ver, exceto o rio e as montanhas cobertas de neve, na linha do infinito. Billings, porém, era bastante arborizada. Possuía dois ou três bosques na área urbana. Um deles era conhecido como Campo de Duelo. Era nele que, ao amanhecer, os membros da aristocracia local em litígio resolviam as questões de honra. Nessas ocasiões geralmente estavam paramentados com fraques e cartolas, contando com padrinhos que vestiam semelhante indumentária.

Mas os membros menos favorecidos em sua posição social, esporadicamente usavam também aquele local para duelarem, que consistia numa clareira cercada por pinheiros. O perigo de atingir inocentes era bastante remoto.

Horas antes, Lodge começara a preparar o acidente. Descobriu dois desordeiros e os contratou para forjarem um duelo exatamente as onze horas. As pistolas estariam carregadas com pólvora seca. Um deles deveria fingir ter sido atingido e, ao tombar de costas, teria que puxar o gatilho na direção da charrete que estaria no local. O resto do plane seria desenvolvido por ele próprio.

Alice conduziu na hora combinada a charrete para o Campo de Duelos. Havia apenas dois homens ali, distantes um do outro uns trinta passos. Ofendiam-se mutuamente.

— Os duelos em Billings são assim? Os inimigos marcam encontro neste local e descarregam pelas bocas? — zombou Arthur.

— Um deles vai morrer. Mas não é um duelo de classe. Este local foi preparado para cavalheiros se defrontarem, segundo as regras, com padrinhos e tudo o mais. Billings é uma cidade civilizada. Dizem que tem quase vinte mil habitantes.

— Vejamos o que acontece — sugeriu Nills. — Estamos fora da trajetória das balas.

Subitamente os duelantes interromperam a discussão e ficaram prontos para sacar, numa postura mais adequada a um saloon. No primeiro plano permanecia a charrete, de frente para os desafetos que ocupavam o segundo plano. No último plano, oculto por trás dos pinheiros, Lodge empunhava firmemente uma pistola de cano longo, apontando-a para a cabeça de Nills.

Os duelantes sacaram ao mesmo tempo os Colt carregados com pólvora seca. Ocorreu o primeiro disparo. Fingindo-se atingido, um dos homens caiu de costas com os braços abertos e fez fogo contra a charrete. Num átimo de segundo depois, soou outro disparo, este com bala de chumbo. Saíra da arma de Lodge.

Houve uma falha no plano. O tiro de pólvora seca disparado por um dos comparsas na direção da charrete sobressaltara seus ocupantes e Nills abaixara-se na boleia no momento em que a bala da pistola de Lodge passava três dedos acima de sua cabeça, fazendo um orifício no chapéu de copa alta.

— Que horror! Vamos embora daqui! — exigiu Alice, tomando as rédeas do cavalo.

O cão, porém, saltou do bagageiro e foi farejar o homem caído. O antagonista municiava a arma. O pretenso ferido, sem que ninguém percebesse, torceu a pata do cachorro e foi imediatamente mordido. O que já remuniciara a arma fez menção de disparar contra Job, mas Nills, de longe, apontou duas pistolas:

— Não toque nesse cão, se quer viver! A gravidade do ferimento de seu inimigo não é grande. Se quiserem duelar, escolham outra ocasião! Agora, desapareçam!

Os asseclas de Lodge correram, segurando os chapéus para que não voassem. Três coisas intrigavam Nills: Se estava baleado, como não escorria sangue do ferimento? Se eram inimigos, por que iam escapando pelo mesmo caminho, já que haviam tantos? Finalmente, se haviam sido disparados apenas dois tiros, como pudera escutar três estampidos?

Não tirou nenhuma conclusão de tudo aquilo, exceto de que precisava estar atento, pois em meio à confusão, quem estivera mais perto da morte fora ele.

— Deixe-me no centro da cidade, Alice. Preciso beber uns tragos e pensar um pouco, sozinho num canto. Quero barbear-me, cortar os cabelos, enfim, vagar por algumas horas para refrescar a cabeça.

Homem e cão desembarcaram. Nills comprou um vistoso casaco para comparecer à audiência do dia seguinte, quando iria saber o que lhe caberia na herança.

Ele viajara na ilusão de que iria dividir com Alice o legado do tio, em partes iguais. Decepcionara-se e disfarçara bem, quando ela o informou que talvez ficasse com uma parte infinitamente pequena de tudo. Na verdade, a própria Alice, àquela altura, não sabia que critérios o tio adotara no testamento.

Alice encontrou o noive pouco depois, de pé, à beira da calçada de tábuas, na rua principal. Embarcou na charrete.

— Você falhou! — disse ela, irritada.

— Sim, mas não vai acontecer da próxima vez!

— Nosso tempo é curto, Lodge! Temos menos de um dia para liquidá-lo de tal forma que pareça acidente.

— Um novo golpe já tenho preparado. Está vendo aquele carroção estacionado lá no fim da rua?

— Sim. O que tem ele? — indagou Alice, intrigada.

— Há um homem trabalhando nos eixes, no freio e nos varais das parelhas. Vai fazer sabotagens que permitirão desgovernar a carroça no momento que desejar.

— E daí?

— Alice, ele pode atropelar Nills com grande facilidade! É o que acontecerá na primeira chance.

— E quando será, querido?

— Será quando eu ordenar. Estarei por aqui, espreitando. Logo que vir Nills, farei um sinal e o trabalho será perfeito.

— Espero que sim, mas aguardarei as notícias na mansão — disse Alice, enquanto o noivo desembarcava.

Ela afastou-se e seu noivo permaneceu na rua principal, aguardando. Não foi preciso esperar muito. Nills despontou no fim da rua, sempre acompanhado pelo cão. Caminhava pela calçada de madeira. Não tinha pressa. Vinha observando as vitrines das lojas. Finalmente, decidiu mudar de calçada. Aquela era a maior cidade em que já estivera e estava apreciando seu comércio. Ele parou por alguns instantes, antes de atravessar a rua, para acender um charuto.

Lodge fez um sinal para o cúmplice que cuidara do carroção. O comparsa já estava na boleia e colocou o veículo em movimento, enquanto Nills começou a atravessar a rua. Calculara o tempo, concluindo que seria suficiente para chegar ao outro lado, antes que o carroção alcançasse aquele ponto.

A velocidade do carroção aumentava, à medida em que o cocheiro chicoteava as parelhas. Nills já ultrapassara sua trajetória, quando o condutor fez um movimento brusco com as rédeas, para a direita. Foi o suficiente para as parelhas se desatrelarem e o veículo desgovernar em grande velocidade. O cúmplice de Lodge saltou e rolou pela poeira.

— Cuidado, forasteiro! — gritou alguém, quando o carroção mudou subitamente de direção, indo direto no sentido de Nills.

Estava a vinte passos da virtual vítima, quando esta percebeu que a trajetória do veículo se alterara. No último instante, Nills deu um salto espetacular, projetando-se no ar, para frente, em direção à calçada. O impulso que dera, fora tão forte, que ele ultrapassou a calçada de tábuas e estilhaçou uma vitrine, caindo dentro de uma tipografia.

O carroção prosseguiu sua marcha desenfreada, colidindo com a pilastra de sustentação de um prédio de dois pavimentos, que semi-destruiu, capotando seguidamente até ficar com as rodas para cima.

— Que houve lá fora? — perguntou o dono do estabelecimento invadido. — Quem vai pagar meu prejuízo com a vitrine?

— Em quanto o calcula? — indagou Nills, erguendo-se.

— Uns cem dólares — respondeu o homem.

Nills entregou-lhe o dinheiro imediatamente, para evitar discussões. Saiu para a rua. Um cidadão aproximava-se correndo. Parou diante do carroção virado. Era seu proprietário que nada tivera a ver com o atentado.

— O carroção é seu? — indagou Nills, irritado e pronta para uma represália violenta.

— Sim. Eu o procurava desesperadamente! Foi roubado há menos de meia hora. Agora vejo que precisava trocar os chassis e dar mais atenção aos freios... Vi o que aconteceu. Feriu-se muito?

— Não. Sofri apenas alguns pequenos cortes... Nada de grande importância.

— O carroção foi sabotado! — afirmou um cidadão, examinando a estrutura. — O eixo, os freios e os varais estão danificados!

— Pode ter acontecido em decorrência da colisão com a pilastra — falou outro curioso.

Nills não alimentou aquela discussão. Preferiu afastar-se dali e voltar imediatamente à mansão. Seguiu caminhando. Tinha plena certeza de que acabara de escapar de um atentado. Passou a considerar o incidente no Campo de Duelo como outra tentativa. As últimas dúvidas que ainda nutria sobre aquilo, acabavam de cair por terra.

— Aquele assalto no trem, talvez fizesse parte do mesmo esquema de ação — comentou ele com o cão. — Se assim for, corro grande perigo! E não há nenhuma dúvida, quanto a quem interessa minha morte.

Nills estava certo de que seus inimigos estavam na mansão. Alice e Lodge eram seus suspeitos naturais. Tinha esperanças que somente o noivo de sua prima tivesse tramado tudo, e que ela não estivesse compactuando com aquelas tentativas de eliminá-lo.

Sabia, porém, que no dia seguinte, estaria assumindo sua parte no legado do tio e que a partir de então os riscos já não existiriam. Se conseguisse sobreviver até lá, teria condições de investigar os atentados. Iria procurar em toda Billings os falsos duelantes e tentaria localizar o homem que conduzira o carroção contra ele. Então saberia toda a verdade. Enquanto isso os advogados estariam ajudando-o a converter em dinheiro tudo o que houvesse herdado.

Chegando à mansão, Nills evitou contato com Alice e o noivo, indo direto para seu quarto. Trancou a porta e dedicou-se a lubrificar as armas. Mas tarde saiu sem ser notado e foi beber em um dos saloons, ocupando um

reservado, onde ficou a salvo de seus inimigos, jogando pôquer com alguns parceiros que arregimentou.

* * *

Longe dali, em Lander, decorridos doze dias desde a amputação que sofrera, Walter Loy recebia a visita do xerife.

— Está com bom aspecto — comentou a autoridade, tirando o chapéu e sentando-se na cama, ao lado do caçador de recompensas.

— Estou quase bom — afirmou Walt.

— Nesse caso, creio que é hora de retirar-se da cidade. Acha que já pode cavalgar?

— Sim, xerife. Mas preciso de uma perna-de-pau para poder caminhar. Creio que seria muito doloroso para mim, mas posso tentar. Mande-me o carpinteiro da cidade. Não se esqueça de devolver-me as armas e o dinheiro que guardou consigo.

— Amanhã virá o carpinteiro. Walt, você tem três dias para deixar a cidade! Não volte mais aqui! O homem que deseja liquidar é um de meus melhores amigos. Vou deixar ainda mais claro: Eu, o xerife desta cidade, não quero, não desejo e não permitirei que volte a colocar os pés em Lander, entendeu bem?

— Está bem. Mas quero que saiba que nada no mundo me impedirá de matar o tal Nills, onde quer que o encontre!

O xerife saiu, irritado. Decidiu antecipar suas providências. Quanto antes Walt saísse de Lander, mais tranquilo se sentiria. Foi direto à oficina do carpinteiro e ordenou que fosse tirar as medidas de Walt para fazer-lhe uma perna-de-pau. Vinte minutos depois o profissional estava diante do mutilado.

— O xerife disse que viria amanhã! — comentou Walt, sentando-se no leito.

— Algo o apressou — disse o carpinteiro. — Vamos lá com essa perna.

O profissional começou a tirar as medidas, comparando as pernas.

— Como deseja a perna de pau, companheiro?

— Quero como as dos piratas, com uma pistola Derringer embutida — respondeu Walt, com expressão séria.

— Está brincando...

— Nunca falei tão sério em minha vida. Pago quinhentos dólares pelo trabalho.

— Tanto assim! — assombrou-se o carpinteiro. — Infelizmente não posso fazer o serviço. Não sou armeiro!

— Calma, homem! — retrucou Walt. — Você não vai perder os quinhentos dólares de que parece precisar tanto. Procure o armeiro da cidade e faça o trabalhe junto com ele. Prometa outros quinhentos dólares para o sujeito.

— Adiantados?

— Não. Meu dinheiro está com o xerife. Eu não deixaria de pagá-los pois vocês instariam com a autoridade para receber. Seria péssimo para mim, pois ele destruiria o mecanismo que o armeiro vai criar.

— Você terá a perna-de-pau exatamente como a imagina. Depois de amanhã, eu a trarei aqui.

* * *

Em Billings, Nills só voltou para a mansão pela madrugada. Estava cansado e queria dormir logo, para na manhã seguinte comparecer ao escritório dos advogados, onde receberia sua parte na herança. Por medida de precaução levou Job para o quarto, acomodando-o na cama a seu lado.

Por volta das oito horas, uma criada o acordou com suaves toques na porta. Nills levantou-se e deixou-a entrar com uma bandeja com o desjejum. Havia leite, suco de laranja, ovos estrelados com bacon, pão, biscoitos, duas maçãs e manteiga.

— Pode deixar tudo aí — determinou Nills, que não desejava que a serviçal visse ele dividir tudo com o cão.

A criada retirou-se. O cão parecia estar com fome. Seu dono retirou da bandeja o que iria comer e colocou o restante, líquidos e sólidos, ao alcance de Job. Depois, acendeu um charuto para despertar de vez e alimentar-se depois.

Job começou a comer vorazmente. Engoliu um ovo com bacon, devorou alguns biscoitos e bebeu lodo o leite, direto da jarra. Nills o olhava com ternura. Subitamente o cachorro começou a ter convulsões violentas, que duraram alguns segundos. Tombou de lado, teve alguns extertores e

morreu diante dos olhos do dono. Nills ficou estarrecido, sem ação. Mas aquela apatia ante o inesperado acontecimento, durou muito pouco.

ÚLTIMO CAPÍTULO

Confrontos decisivos

Nills ficou transtornado. Pegou a pistola, abriu a porta com violência e desceu as escadas rapidamente, encaminhando-se direto para a cozinha. Encontrou a criada, empurrou-a contra a parede e encostou o cano da arma entre seus olhos, engatilhando-a.

— Quem lhe deu a ordem de envenenar-me? Diga! Se não revelar vou liquidá-la agora mesmo!

— Não sei de nada, senhor, juro! — d:sse a mulher, tremendo dos pés à cabeça. — Eu apenas levei a bandeja a seu quarto. Não fui eu quem a preparou!

— Quem o fez? A cozinheira?

— Não... Ela não preparou bandeja alguma. O desjejum foi servido para a senhorita Nills e seu noivo. Era o suficiente para três pessoas e pensei em acordá-lo para comer à mesa. O senhor Lodge disse que eu deveria levar uma bandeja a seu quarto. Ele mesmo a preparou.

— Onde está ele agora?

— No estábulo, preparando a charrete — respondeu a criada, afastando-se, feliz por ter conservado a vida.

Com a visão turva pelo ódio, Nills caminhou para o estábulo. Empunhava a arma engatilhada. Logo encontrou Lodge. Sua atitude o inculpou ainda mais. Ele se assustara ao ver Nills, arregalando os olhos e empalidecendo.

— Sobrevivi, canalha, mas meu cão está morto!

— Não sei do que está falando, Nills! Para que essa arma?

— Para matá-lo! Só quero saber se Alice está metida na tramoia! Diga!

Lodge tentou saltar para trás da charrete, para defender-se. Não teve tempo. Nills puxou o gatilho e meteu uma bala no seu peito. Ele rodopiou no ar, tentou sacar seu Colt, mas a arma que seu desafeto empunhava continuou vomitando fogo. Dois, três, quatro tiros mais o atingiram, acabando com ele.

Alice chegou ali segundos depois. Esbugalhou os olhos e abriu desmesuradamente a boca num grito de terror. Os empregados da mansão acorreram rapidamente. Lodge estava morto e a pistola que conseguira sacar permanecia no chão, a seu lado.

— Você o matou! — gritou Alice, desgrenhando-se.

— Tive sorte. Ele tentou envenenar-me e não foi a primeira vez que tentou contra minha vida. Você sabia disso?

— Não, não! Claro que não! Assassino, matou meu amor!

— Devia agradecer-me. Eu a livrei de sérios problemas futuros. O plano do canalha era matar-me para que você ficasse com toda a herança. Quando se casassem, certamente deixaria passar algum tempo e a liquidaria também.

— Como pode afirmar uma coisa dessas de Lodge, se mal o conhecia?

— Que faremos, senhorita? — interveio a criada.

— Chame o xerife... não, chame primeiro um dos advogados. Ele poderá nos orientar sobre o que fazer...

Meia hora depois, um dos advogados que cuidavam do espólio de Anthony Nills, surgiu na mansão. Inteirou-se do que tinha acontecido.

— Isso é uma das piores coisas que poderia ter acontecido — comentou. — Já chamaram o xerife?

— Não ainda — afirmou Alice, que parecia menos aturdida pelo inesperado desfecho da tramoia.

— Essa confusão toda pode retardar o recebimento da herança. Se o senhor Arthur Nills for acusado de homicídio...

— Nada disso! Foi apenas a reação natural que tive a uma tentativa de envenenamento. O cão está morto... era eu quem deveria ser a vítima!

— Mesmo assim será bastante problemático. Acho que devemos procurar uma saída mais fácil para a questão — sugeriu o advogado. — Nada de mencionar a tentativa de envenenamento. Aconselho chamarmos o xerife e contar uma história simples, que não esteja muito distante da realidade: houve um desentendimento banal e duelaram.

— O que aconteceria, se falássemos a verdade? — indagou Alice.

— Ê imprevisível. De qualquer forma o xerife os reteria aqui por todo o dia. Iria interrogar os presentes para tentar descobrir se realmente Lodge envenenou o desjejum de seu primo. . . enfim, colheria depoimentos e testemunhos. Ao final de tudo, talvez levasse Arthur preso. Eu o retiraria

em dois dias, mas teríamos que retardar a leitura do testamento para depois do natal.

— Vamos deixar que pareça um duelo normal — falou Alice. — Eu até testemunharei a favor do meu primo... se puder controlar-me.

O xerife chegou, pouco depois. Aceitou a idéia de que houvera um duelo e só estranhou o fato de o morto ter levado cinco tiros antes que pudesse disparar um sequer.

— Passei m:nha vida toda caçando nas Rochosas — justificou-se Nills. — Aprendi a disparar rápido. Além disso, mesmo baleado, ele relutava em tombar e continuava empunhando a arma.

Os testemunhos e os argumentos convenceram ao xerife. Cada criado recebera cem dólares para sustentar a versão apresentada pelos Nills.

Com o passar das horas, Alice verificou que não sentia tanto amargor quanto imaginara ao avistar Lodge morto. Nunca pensara que seus sentimentos por ele fossem tão frágeis. Na realidade, o domínio que a marcante personalidade do finado exercia sobre ela só se consubstanciava mediante sua presença constante, influindo até em seus pensamentos.

No início da tarde, foi com o primo até o escritório dos advogados. Não se sentia arrasada interiormente e estranhava o fato de não se incomodar com a presença do matador de seu noivo. Percebeu então que estivera dominada, subjugada, mas que não era amor o sentimento que nutria por Lodge. E o pior de tudo é que pensava diferente, ainda naquela mesma manhã.

Os herdeiros reuniram-se com os advogados numa ampla sala, em que o testamento foi lido. Alice não pensou em Lodge, até o momento em que a leitura da vontade de seu tio atingiu o ponto crucial. Então teve uma grande surpresa.

O advogado leu:

"... divido, portanto, os bens que possuo em vida, em duas partes. Os herdeiros são meus sobrinhos Arthur e Alice. Esta está sob o domínio de um canalha, mas as providências que determino a seguir servirão para protegê-la de seu jugo, ao mesmo tempo em que deixo a ela a parte mais substancial de meus bens.

Para Alice Nills, deixo a mansão de Billings; os ranchos Double Ene e Princeton, com todas as terras que as circundam e o gaio neles existente;

as ações de diversas empresas que atuam no território de Montana. A quantidade de reses e discriminação das empresas das quais sou em vida acionista estão arroladas em documento anexo. Todos esses bens estarão sob regime de usufruto: jamais poderão ser vendidos enquanto Teton Lodge for vivo.

Para Arthur Nills lego seis barras de ouro no valor de cento e cinquenta mil dólares; as joias da família — que deverão ser divididas com Alice, se um dia afastar-se de Teton Lodge; as apólices de seguros por minha morte, no valor de cem mil dólares; depósitos no banco de Billings, no total de setenta e quatro mil dólares e outros onze mil dólares, em espécie, em mãos de meus advogados.

Cumpra-se a minha vontade."

— Lodge está morto. Agora posso vender as terras e tudo o mais, além de ter direito à metade das joias da família — declarou Alice, subitamente satisfeita pela morte do noivo.

— Sim, senhorita — respondeu um dos advogados. — Foi o que acabamos de ouvir. Pelo que conheci de seu falecido tio, nos contatos que mantivemos, sua parte seria bem maior se não tivesse Teton Lodge como noivo.

A reunião terminou pouco depois. Alice encarregara um dos advogados de vender todos os bens a ela legados, exceto as joias. Não gostava muito de Billings e tinha idéia de ir morar no leste.

Nills anunciou, ao se separarem, que iria dormir naquela noite na mansão e, se possível, partiria na manhã seguinte. Antes precisaria vender as barras de ouro, a maior parte das joias que lhe coubera e receber o seguro pela morte do tio.

Gastou o resto da tarde naquilo, depositando no banco de Billings os lucros pelas transações que fez. Apurara quase duzentos e cinquenta mil dólares e um dos advogados prometera transferir a parte em dinheiro que herdara para sua conta, logo que abrisse uma.

Alice repousava em seu quarto. Não estava prostrada pela perda do noivo. A felicidade por ter recebido a herança a impedia de externar condignamente seus sentimentos pela morte de Lodge. Ela estava consciente disso e regozijava-se por ter conseguido superar com tão grande rapidez os terríveis episódios ocorridos pela manhã.

— Rei morto, rei posto — pensou ela. — Não sei ficar sozinha... Quero um substituto para Lodge. Assim o esquecerei de vez ...

Alice considerava o pior defeito de Lodge o fato de não ser dado ao trabalho. Sabia que ele a explorava, mas julgava que era amada. Pensava que quando recebesse a fortuna poderia remediar aquela tendência do noivo à vadiagem. Iria organizar-se empresarialmente e o poria a trabalhar, naturalmente num cargo de prestígio. Mas tudo terminara. Ela aInda não tivera tempo de colocar outro sonho no lugar daquele.

Tinha, porém, uma decisão firmada na mente. Para onde quer que fosse, não iria sozinha. Gostaria de levar um companheiro, de preferência alguém que possuísse dinheiro suficiente para não precisar cobiçar o que possuía. Por um processo sutil de pensamento, acabou delineando-se em sua mente mesquinha a figura do primo.

— Por que não? — perguntou-se ela, com um sorriso no canto dos lábios.

Ao anoitecer, Nills regressou a mansão. Conseguira levar adiante todas as providências que programara. Para chegar a escadaria que conduzia ao segundo pavimento teve que passar pela sala de jantar, onde a mesa estava posta. Alice ocupava a cabeceira e o convidou a sentar-se.

Nills concordou. Tinha ainda dúvidas sobre se a prima participava ou não dos planos de Lodge. Ainda não tivera oportunidade para uma longa conversa sobre tudo o que acontecera.

— Está muito chocada ainda?

— Não, primo. Com a morte de Lodge descobri que não o amava, apenas que sua forte personalidade exercia domínio sobre a minha. Acho que queria casar-se por interesse, mas pensava que depois...

— Você é muito bonita, Alice. Pode encontrar outra pessoa para reconstruir o que perdeu.

— Sinto-me tão só e desalentada... Preciso tratar de tantos negócios com os advogados! Fique mais dois ou três dias e ajude-me, primo!

— Se partir amanhã, terei alguma chance de chegar a Lander para o natal com os amigos.

— Passe-o comigo, que sou sua parente. Se o fizer, alugarei um trolley de ferrovia para levá-lo até onde desejar.

— Até Sheridan, no Wyoming! Será maravilhoso! Chegarei a minha cidade na noite de natal. Pena que a última parte da viagem precise ser feita

a bordo de diligência.

— Então concorda em ficar dois dias mais?

— Sim. Acho que os perigos já passaram.

* * *

Na manhã seguinte, pouco antes do meio-dia, o carpinteiro visitou Walt na clínica em Lander. Entregou-lhe a perna-de-pau e as amarras para ajustar no que restava da perna mutilada.

— E a pistola?

— Está embutida. Para disparar terá apenas que puxar as correias, como as rédeas de um cavalo. Assim, veja!

— E para remuniciá-la?

— Ela é oca e pode ser desarticulada, girando a base para a direita. A arma está encaixada no miolo da perna. O único trabalho que terá, será retirar o conjunto, recarregando a pistola, colocando-a de volta ao lugar.

Walt sentou-se na cama e encaixou a perna-de-pau no que restava da mutilada. Atou as amarras acima do joelho e caminhou pelo quarto. Nesse momento a porta abriu e entrou o xerife.

— Vejo que já está andando bem! Sendo assim, Walt, prepare-se para partir na diligência da tarde.

— Em que direção terei que viajar, xerife?

— Para o norte, não sei exatamente para onde. Quero vê-lo embarcando. Passe em meu gabinete para pegar suas armas e o dinheiro.

O xerife saiu em seguida. O carpinteiro ouviu a promessa de que receberia em poucos minutos o pagamento pelo serviço.

O xerife caminhava em direção a cadeia de Lander quando deteve-se diante da estação de diligências, perguntando da rua:

— Qual é o destino da diligência da tarde?

— Sheridan — respondeu o bilheteiro.

O xerife continuou caminhando. Sabia que Sheridan era ponto obrigatório na viagem de regresso de seu amigo Nills. Ele não sabia quando o amigo viria, mas começava a temer que Walt acabasse cruzando com Nills naquela cidade. Decidiu tomar uma providência para evitar uma desgraça.

Pouco mais tarde, Walt compareceu ao gabinete da autoridade, pegou o dinheiro e contou-o. Não faltava um centavo. O xerife devolveu também o cinturão e as armas. Não disse uma só palavra durante o encontro.

Mancando lentamente Walt foi até a carpintaria e pagou integramente sua dívida. Não esqueceu de perguntar:

— A perna está carregada?

— Sim. Cem duas balas calibre 45.

No meio da tarde embarcou na diligência para fazer a longa viagem de dois dias até Sheridan, cruzando a divisa dos territórios do Wyoming e Montana.

* * *

Na manhã seguinte, em Billings, Nills parecia estar contente, quando saiu com a prima Alice do escritório do advogado:

— Terminou, enfim! Você conseguiu vender tudo o que tinha.

— Menos minha parte das joias, agora tenho tanto dinheiro quanto você. Vamos ser sócios?

O tem era de brincadeira, mas a intenção era real. Há dois dias que Alice vinha se insinuando discretissimamente, esperando que o primo reagisse e tentasse uma aproximação mais íntima, que não aconteceu.

— Não nasci para ter sócios. Agora falemos naquele trolley ferroviário que você prometeu alugar para uma parte de minha viagem, em troca da ajuda que lhe dei. — Exigiu Nills.

— Leve-me com você, primo! É a única pessoa que possuo no mundo!

— Está enganada! Você não me possui! Além disso não gostaria de Lander. É uma cidade pequena e não há nada para fazer lá.

— Fui tão vítima quanto você! Ser morta por Lodge era apenas questão de tempo. Estou arrasada interiormente! Em quem poderia apoiar-me, nesta hora difícil?

— Venha comigo, já que insiste. Mas será apenas por pouco tempo, até se recuperar do choque.

Nills era o partido ideal para Alice, segundo suas conclusões. Enquanto estivesse em Lander, teria tempo para conquistá-lo. Se conseguisse desposá-lo, alguns meses mais tarde ele sofreria um acidente muito bem planejado.

Duas horas depois embarcaram no trolley. Era um veículo que rodava sobre trilhos e que consistia numa locomotiva acoplada a um luxuoso e bem decorado vagão, pequeno, onde caberiam seis passageiros confortavelmente instalados.

— Acabaram-se os problemas — suspirou a mulher, quando o trailer se pôs em movimento.

— Talvez para você; não para mim! Tenho um inimigo figadal esperando-me na cidade ou vagando a minha procura pelo oeste, caso o xerife já o tenha expulsado de Lander.

O trolley rodava muito mais rápido que as composições comuns. Em poucas horas chegaria a Sheridan. Sua estrutura era baixa e as vidraças permitiam aos viajantes apreciarem paisagens que se alternavam a cada dez milhas percorridas.

* * *

O destino se incumbira de sincronizar os fatos, determinando um encontro fatal. Walt acabara de desembarcar da diligência e batia com a aba do chapéu nas vestes, para sacudir a poeira, quando avistou o trolley rodando em direção a estação de Sheridan. Também pretendia ir até lá. Sabia que seu inimigo fora receber herança em Billings e desejava matá-lo naquela cidade. Queria comprar passagens para o próximo trem que o levasse a Bowlder, a outra escala da rota para Billings.

Decidiu ver o trolley mais de perto. Queria saber como era seu interior e que tipo de passageiros levava. Ficou estarrecido ao ver Nills preparando-se para desembarcar em companhia de Alice. Resolveu acabar logo com o caçador das Rochosas. Não perderia tempo.

— Nills — chamou ele, logo que o odiado caçador desembarcou com Alice.

— Walt! Que quer de mim?

— Nada. Apenas matá-lo. Vou enfiar uma bala entre seus olhos pelo que fez na minha perna. Prepare-se para sacar!

A plataforma ficou praticamente vazia em poucos segundos. Apenas Alice permaneceu ali, protegida por um caixote.

Subitamente sacaram. Walt foi mais rápido e puxou o gatilho. As balas de sua pistola haviam sido substituídas por outras, de festim, providência

tomada pelo xerife de Lander, para proteger o amigo Nills. Este respondeu ao fogo atingindo Walt no peito. Ele caiu, largando a pistola.

Alice saiu de seu reduto para abraçar o vencedor, quando Walt, reunindo as últimas forças, ergueu a perna-de-pau e acionou o mecanismo de disparo. Dois tiros desfiguraram o rosto de Alice, que também tombou morta.

Nills chegou a Lander na noite de natal. Seus amigos festejaram sua chegada. Ele mal pôde beber, pois precisou usar a boca para contar e recontar inúmeras vezes os lances terríveis e os fantásticos episódios que vivera nas duas últimas semanas.

F I M

EM TODAS AS BANCAS

CHUMBO GROSSO — HISTÓRIAS ELETRIZANTES CHEIAS DE AMOR NASCENDO DO ÓDIO.

DESTE CARGA DUPLA — UMA BALADA DE INCIDENTES PERIGOSOS NO VELHO OESTE BRAVIO.

CHUMBO QUENTE — NOVELAS DE FAROESTE COM MUITO EROTISMO E AÇÃO.

OESTE perigoso — UM FARÓESTE CHEIO DE EMOÇÃO E SENSUALIDADE.

CHUMBO MÓRTAL — EMOCIONANTES AVENTURAS DO VELHO OESTE.

OESTE PRA VALER — O VELHO OESTE COM POLVORA BEM VIOLENTO E PRA FRENTE.

MULHER & COLT — GIOVANNA, A BELA E SENSUAL REPÓRTER QUE IMPÕE A LEI NO OESTE.

OESTE PROIBIDO — EMPOLGANTES AVENTURAS NO CENÁRIO RUDE E HOSTIL DO VELHO OESTE.

OESTE BARRA PESADA — UM FAROESTE CHEIO DE VIOLÊNCIA.

OESTE vermelho — AVENTURAS INÉDITAS SOB O SOL DO OESTE NORTE-AMERICANO.

OESTE BRUTAL — UMA VISÃO INTIMA DOS COW-BOYS TEMERÁRIOS.

OESTE VIOLENTO — UM BANGUE BANGUE QUE VOCÊ DESEJAVA LER.

EDITORA MONTERREY — PREÇO DESTE